

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO P. SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

NATAL DE PAZ

Natal de 1945—primeiro Natal da paz!

Por esta circunstância, se outras não houvesse, abençoemos, na nossa fragilidade de homens, o dia do nascimento do Redentor, e agasalhemos nossas aspirações e anelos familiares na esperança confortante de que a paz possa assentar arraiais definitivos nas nações, nos povos, nos lares e nos corações.

O fim da guerra—dir-se-á—não foi o termo dos cataclismos e das incertezas que turvam os horizontes desta pobre humanidade. O fim da guerra não é ainda a paz, dando-se a este vocabulo sagrado e suave o sentido lato que a sua verdadeira significação devia traduzir.

Mas basta que tenha acabado a guerra para que 1945 termine em relativa felicidade. Os homens, na evolução dos acontecimentos, no êxito de um apelo supremo às consciências ainda perturbadas—hão-de encontrar-se.

Na nossa terra de Portugal a mutação do fim da tragédia para o princípio da bonança não se fez sentir materialmente, porque tiveramos a felicidade, nunca por demais acentuada, de não estarmos directamente envolvidos na quasi universal contenda sangrenta. Abalada a nossa economia, particular sobretudo, o fim da guerra traz-nos porém confiança na aurora da pacificação. E nesta quadra do Natal—agora que o clarim de guerra recolheu ao museu da história—num espírito fraternal, que cubra todos os povos, e num amplexo de fé que abranja todas as famílias portuguesas, festejemos o nascimento do Deus Menino, no culto de uma tradição e de um simbolismo enraizado em Portugal em todos os rincões e em todos os idealismos.

Os sábios e o titulo

No dia 14 do corrente, o mesmo dia em que foi, oficialmente, anunciada a reunião da Conferência de Moscovo, um jornal de Tiflis, «Kommunisti» deu publicidade a uma carta extensa de dois membros da Academia de História da Georgia, os professores Djana-shia e Berdenishvili, na qual apareciam abundantemente documentadas as razões que, na opinião dos signatários, justificam a incorporação na U. R. S. S. dos territórios montanhosos, situados a norte e a ocidente do Mon-

te Ararat e ao sul e a ocidente do porto petrolífero de Batum os quais incluem cinco importantes centros de comunicações: Ardahan, Artvin, Ispir, Baliburt e Giumushane.

A carta dos dois sábios incluía abundantes citações de historiadores gregos, romanos e bizantinos, cujos depoimentos remontavam ao século I A. C. «A Georgia, diziam os seus autores, nunca se submeteu aos conquistadores nem aceitou a divisão do seu próprio território. De todos esses conquistadores os piores foram os turcos que só trouxeram à nossa pátria, ruínas, devastações e selvajaria». Mas dum dos argumentos de natureza histórica que, na opinião dos dois membros da Academia da Georgia, explicavam o seu pedido de retrocessão territorial havia um outro de natureza política que denunciava o pensamento profundo dos autores da carta: «Durante a última guerra contra a Alemanha, concluíam os professores de Tiflis, a Turquia esteve praticamente ao lado da Alemanha e, como a sua imprensa francamente admitiu, era intenção dos diri-

Esta edição do

Diário de Lisboa
é de 24 páginas

Amanhã, devido à solenidade do dia, estão encerrados todos os nossos escritórios e oficinas, não se publicando o nosso jornal.

(Continua na 6.ª pag.)

Podem surgir complicações

no desenvolvimento do problema
referente às fronteiras da Turquia
e doutros países médio-orientais

LONDRES, 24—Em telegrama de Ankara, o correspondente do «Times» diz que todos preguntam se as reclamações territoriais acerca da Georgia são, na realidade, sérias ou se se trata, apenas, de jogar com elas para quaisquer propósitos. Os políticos turcos e os diplomatas estrangeiros—diz o correspondente—interrogam-se se as várias conferências até aqui realizadas tiveram o objectivo de estabelecer as condições de paz, com os antigos inimigos ou rever fronteiras territoriais e étnicas estabelecidas durante os últimos dez séculos.

Frisa-se que os antigos países inimigos, como a Bulgária, parecem isentos de qualquer penalidade pela sua traição, enquanto que países que lutaram ao lado dos Aliados, como a Grécia, encontram-se na situação de acusados; e países como a Pérsia e a Turquia, que prestaram consideráveis serviços aos Aliados, são ameaçados de desmembramento. O correspondente declara que os turcos estão resolvidos a manter intacto o território que actualmente ocupam depois da perda do seu império, outrora tão poderoso. Observa-se que a integridade territorial da Turquia foi garantida em documento conjunto pela Grã-Bretanha e a Rússia em 10 de agosto de 1941.

O correspondente acrescenta: «A opinião geral da Turquia é que o Próximo e Médio Oriente regressarão à calma ou cairão no estado caótico, segundo os resultados da conferência de Moscovo. Embora seja grave a questão dos Estreitos para a Turquia, a sua importância foi agora revelada pelos acontecimentos da Pérsia. Ou, para ser mais preciso, o futuro regime dos Estreitos transforma-se num caso de importância para todo o Médio Oriente. A autonomia de Azerbaijão teria sido caso de pouca valia, se não fosse a circunstância da influência soviética, exercida directamente ou por intermédio de Azerbaijão, se ampliar até às margens do lago Urnia, posição estratégica dominando a fronteira oriental da Turquia e também conduzindo para o sul da Pérsia, para o Iraque e para as regiões petrolíferas.

Já ha indícios da possibilidade de a agitação na Arménia e no país dos kurdos ser encorajada e explorada. O convite da Rússia aos arménios para estabelecer uma Armada Soviética não escapou à atenção da Turquia. Já algumas centenas de arménios, residindo na Turquia, pediram ao consulado geral soviético, em Iztambul, para serem repatriados, receando-se que muitos outros arménios, vivendo em outros países, pretendam regressar à Arménia, reclamando-se depois a ampliação dos territórios à custa da cessação pela Turquia dos distritos de Kars e Ardahan. Há todos os motivos para supor que os nucleos revolucionários arménios e kurdos cooperam há algum tempo na Síria e em outros pontos. Assim, as reclamações dos arménios e dos kurdos contra a Turquia, a Pérsia e o Iraque podem surgir simultaneamente. Se assim acontecer, podem seguir-se complicações graves e de vastas consequências».—(Reuter).

10 mil toneladas

de géneros para a Alemanha

LONDRES, 24.—O serviço noticioso britânico da Alemanha, anuncia que a Suíça vai enviar 10.000 toneladas de géneros alimentícios, artigos de vestuário, medicamentos e brinquedos para o sul da Alemanha, a fim de serem distribuídos pelos antigos internados em campos de concentração e suas famílias.—(Reuter).

A Austria

pretende
Berchtesgaden

VIENA, 24—O ministro dos Negócios Estrangeiros, Karl Gruber, anunciou hoje que a Austria pretende uma pequena orla de território alemão, no qual se encontra incluído o antigo esconderijo de Hitler, Berchtesgaden.

Prosseguindo, disse que o pedido formal desta reivindicação será apresentado quando se realizar uma conferência geral das Nações Unidas para a determinação das fronteiras alemãs. Salientou que a zona de Berchtesgaden compreende apenas uma área de poucas milhas, que se projecta na província austríaca de Salzburgo. Acrescentou que esta reivindicação era baseada em parte no desejo da Austria de fortalecer a fronteira norte, confrontando com a Alemanha.

Sabe-se também que o Parlamento provincial de Salzburgo já havia reclamado às autoridades norte-americanas de ocupação esta estreita faixa de território mas que, até agora, ainda nenhuma resposta tinha sido recebida.—(U. P.).

O reconhecimento

da nova república
da Jugoslávia

BELGRADO, 24—Foram aqui recebidas com grande satisfação as informações simultaneas do reconhecimento pelos governos britânico e norte-americano da nova Republica Jugoslava. Manifesta-se a esperança de que esse facto venha a restabelecer e melhorar as relações normais com o Mundo anglo-americano. Frisa-se que os elementos reaccionários, que contavam com uma atitude negativa da parte da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos para com o governo do marechal Tito, perderam essa esperança.—(R.).

25 condenações á morte

LONDRES, 24.—A emissora de Belgrado anunciou hoje ter terminado o julgamento de 34 criminosos de guerra jugoslavos. Esse julgamento realizou-se em Lubliana. Cinco dos acusados foram condenados á morte por enforcamento, 20 por fuzilamento e oito a trabalhos forçados. Um dos réus foi absolvido.—(R.).

DESPORTOS



Quaresma, um grande jogador, num lance espectacular de boa técnica, conduz a bola de cabeça, livrando-se do voo do guardadredes. Os rapazes do Boavista reflectem o seu desespero. O «goal» está iminente...

NAS SALESIAS

Superioridade incontestável do Belenenses

Boavista, um grupo sem figuras, à base do conjunto

Tinhamos os olhos postos no Boavista. De um jogador chegava-nos as melhores referências, e a vitória sobre o Sporting aguçara o apetite. Mas escolhemos mal para ver o segundão do Porto...

É fácil caracterizar o team portuense. Faz parte da série dos grupos sem figuras que têm como base o jogo de conjunto. Não forçamos nada a nossa consciência, afirmando que os rapazes procuram jogar, tanto à defesa como ao ataque e em todas as emergências, uns para os outros. Sem dúvida, optimo. Não atiram a bola ao acaso, querendo ver-se livre dela o mais depressa possível, como é próprio das «equipes» inferiores, antes procurando no jogo de combinação o método aconselhável para se imporem aos ases.

Na verdade, pondo de lado a figura autónoma do guardadredes, que teve uma actuação destacada e realmente brilhante, não vimos no grupo portuense um jogador que se possa dizer uma figura. Repetimos em outra versão:—grupo sem figuras e com praticantes ao mesmo nível.

Nem podíamos ver. O grupo é constituído por jogadores novos, ainda não suficientemente calejados, moços e audaciosos, mas leves e finos, os quais encontraram no estado nas Salesias um inimigo que juntou o seu poder ao do Belenenses. Deste modo, acabaram o encontro arrasados, em visível esgotamento físico e em contraste com a força atlética do adversário, na qual se destacam as duas torres altas e maciças das linhas defensivas.

A propósito, cabe dizer que o campo salesiano precisa de muitos remendos, pois tal como está, em dias de chuva, representa um grande estorvo. O barro agarra-se e cola o jogador ao terreno. Não deixemos estragar o que de bom temos na nossa terra!

A prova feita pelo Boavista nas Salesias não interessa, carecendo de repetição. O exame foi anulado—para data a designar oportunamente. Um ou outro jogador, aqui um defesa, ali um médio, acolá um avançado, deixaram-nos uma impressão, que, não sendo muito bem fundamentada, diz-nos que podemos confiar. Todavia, custa muito tirar da nebulosa um pouco de luz e de verdade.

O Belenense tinha, em contra-partida, as condições suficientes para o desenvolvimento do seu jogo. Agora o caso de Eloi, o artista do rendilhado

—que chegou a aborrecer-se com os companheiros—todos os outros belenenses adaptaram-se perfeitamente ao terreno. Os esquemas do jogo de conjunto sucederam-se com frequência, embora as bolas tardassem (que o caminho das redes é mais difícil de encontrar do que se pensa!). Registraram-se ainda muitas oportunidades de as figuras belenenses mostrarem o que valem, em concepção de lance, em domínio de bola, em visão rápida de jogada e mesmo em força e direcção de remate. Um estupendo golpe de Quaresma confirma o que dizemos!

Tão bem se adaptaram os belenenses que vimos os celebrados bicos do tempo antigo, utilizados com mestria, tanto pelas defesas como por alguns dos dianteiros.

O grupo de Belém parecia um cilindro rolando sobre o corpo do adversário. A medida que o tempo decorria, esse corpo ia-se sumindo aos poucos e de tal forma que, no fim, já todos estavam fartos e também um pouco extenuados. Apesar de tudo, devemos declarar que o árbitro setubalense, de

princípio bem, tomou na segunda parte decisões que influenciaram, e mais poderiam influir, o resultado da partida, tais como a aplicação de duas grandes penalidades.

Somos daqueles que mantemos o critério de que a área perigosa não é terra de ninguém em que tudo possa acontecer, desde o agravo físico ao guardadredes como várias atitudes deste, manifestamente condenáveis. De aí à aplicação da grande penalidade, e logo aos pares, sem fundamento sério, vai uma distância que não tem fim! Prendendo a nossa atenção nestes erros de vulto, deixamos fóra os de somenos importância, pois não nos interessa fazer colheita gorda.

É velho e relho como o mundo que o guardadredes não pode dar mais do que um certo numero de passos com a bola nas mãos (4), e que o acto de tocar no solo com a bola sem a largar, conta na mesma para esta infracção dos passos, a que corresponde a aplicação de um livre indirecto.

Isto, que sabe toda a gente, não era conhecido pelos jogadores da 1.ª categoria do Boavista! Mas o mais extraordinário do caso é que esses jogadores não sabiam também como colocar-se, a quando da marcação da referida penalidade, oferecendo destarte gentilmente um goal ao seu adversário. Ora, a regra é geral para todos os livres: os infractores só podem estar para lá de uma circunferência de 9m,14 tendo a bola como centro. Quere dizer, os portuenses podiam ter tapado as suas redes na hipotese das Salesias. Onde está esse treinador—que não ensina o a b c das Regras aos seus alunos? Vamos! É demasiado!

TAVARES DA SILVA

O seu encanto seduz

MIMO

As suas qualidades convencem

FABRICA MIMO - GRAEF & CIE - LA CHAUX-DE-FONDS - SUICA

EM MOÇAMBIQUE

Esgrimistas de Johannesburgo visitaram Lourenço Marques

Os esgrimistas de Lourenço Marques procuram manter sempre o melhor contacto desportivo com os seus camaradas sul-africanos. De tempos a tempos, as «equipes» moçambicanas fazem visitas a Pretoria e Johannesburgo, que são retribuídas pelos atiradores das salas de armas destas cidades com viagens dos seus representantes à capital de Moçambique.

Noticias recebidas há pouco em Lisboa trazem-nos informações interessantes acerca da permanência em Lourenço Marques de um grupo de atiradores da Sala de Armas Connaught, de Johannesburgo, grupo este que se revestiu da particularidade curiosa de ser constituído por três senhoras e dois homens.

Foi instituída uma taça, denominada «Dr.ª Martha Stuart Webb» e oferecida pelo atirador moçambicano R. Guedes Quinhones, para ser disputada anual e alternadamente em cada uma das cidades, com posse definitiva para o vencedor de três anos seguidos ou cinco alternados.

Para o torneio contava-se com a presença dos representantes das salas do Clube Militar, da Mocidade Portuguesa e do Centro de Esgrima de Moçambique. Afinal, só os deste último tomaram parte na competição, que se realizou ao florete e à espada, na primeira arma com os assaltos disputados pelas senhoras e na segunda pelos homens.

Mas porque o elemento feminino não se dedica, em Lourenço Marques, à prática do desporto das armas, as esgrimistas sul-africanas derrotaram galhardamente os atiradores do C. E. M.—e tão galhardamente que conquistaram 7 vitórias e 2 empates nos 14 assaltos que lhes coube jogar... Deve dizer-se, porém, que os atiradores do C. E. M. não cultivam normal-

(Continua na pag. seguinte)

REM O

Um feixe de notícias

A ideia pertence aos americanos. Este barco-escola, ideal para a instrução de novos praticantes, valoriza-se pela vantagem de um só treinador poder instruir duas dezenas de praticantes.

A embarcação—esta que ontem a Associação Naval de Lisboa inaugurou—tem 18 metros de comprimento, 1 metro e 60 de boca e de forqueta a forqueta mede 2 metros e 50. Uma passagem central desafogada, permite ao instrutor observar e corrigir cada um dos 20 remadores, tantos são os que a «Arca» aloja.

O barco tem boa capacidade de deslize e de quilómetros.

A interessante inovação mereceu a prestigiosa Associação Naval grande carinho. O interesse com que os seus dirigentes, em especial João dos Santos, perflaram a ideia foi ontem coroado de êxito, com o lançamento à água do que passa a ser o seu barco-escola.

Quando as primeiras remadas impulsionaram o novo barco «viii-se» de facto a vantagem da nova embarcação.

O IV Campeonato Peninsular de Remo disputa-se em Marin, em 16 de junho, dia da Virgem del Carmen, disputando-se também o campeonato de «skif».

A fim de tratarem da realização deste campeonato deslocaram-se a Madrid os srs. comandante Soares de Oliveira, presidente da Federação Portuguesa de Remo e João Santos, secretário do mesmo organismo. Entre os dirigentes portugueses e espanhóis foram tratados todos os assuntos referentes à realização do campeonato, para o qual já se nota nos nossos clubes náuticos grande interesse e entusiasmo.

Na Figueira da Foz—um centro de boas tradições no remo nacional—prepara-se para a primeira temporada.

Na pista do Mondego devem remar em agosto próximo tripulações inglesa, suíça e espanhola. Vão reviver assim os campeonatos internacionais de remo na Figueira da Foz.

—O Club Náutico de Viana do Castelo recebeu um belo brinde—um «shell», oferecido pela Câmara Municipal daquela cidade.

—O Estoril Praia adquiriu na Suíça um barco do tipo «jshell» de 4 remadores, que deve chegar a Portugal na próxima 4.ª feira.

—O dr. Ernesto Tomé, conhecido desportista e técnico do remo, foi nomeado para presidir à comissão municipal de Turismo da Figueira da Foz. O remo na Figueira tem agora naquele campo um bom amigo. No entanto, o sr. António Biscaia ao deixar aquele lugar conseguiu a verba necessária para a compra de dois barcos, tipo «Shell» de 8 remadores e para a construção da ponte de embarque na pista do Mondego.

—O Club Naval de Lisboa deve também construir a sua «Arca de Remo». O sr. comandante Henrique Tenreiro prometeu-lhes as possibilidades financeiras para auxiliar a construção, mente o florete, pois dão rasgada preferência à espada.

Devido ao adiantado da hora, não foi

DESPORTOS



João da Cruz ataca, estando o guardanetes caído. Um defesa do Oliveirense foi para dentro das redes, para o que desse e viesse. Peyroteo seguiu com atenção a jogada

NO LUMIAR

Dominar não é suficiente

O jogo confuso do Sporting

Três factores, qual deles o mais importante, devem ter influido para que, na primeira visita à capital, o grupo de Oliveira de Azeite tivesse efectuado uma exibição tão deficiente.

A personalidade do grupo adversário, o desejo de não sofrerem um elevado número de «goals» e, por último, o estado do terreno, influíram grandemente no espírito dos jogadores do oliveirense, que, assim impressionados, não puderam dar a nota das suas possibilidades, actuando unicamente à defesa, aglomerados em frente das balizas, com a preocupação dominante de afastar o esférico, para o mais longe possível da sua baliza.

Mas se o grupo de Oliveira de Azeite jogou mal, o Sporting não jogou melhor...

Custa a compreender que o Sporting, dada a superioridade territorial evidenciada, marcasse só 3 «goals», quando o Oliveirense, no 1.º tempo, pôde acercar-se das balizas de Azevedo unicamente, por duas vezes e em qualquer delas, Tavares, o seu melhor jogador de ataque, pelo menos neste jogo, rematou com perigo, para o guarda-lonino que defendeu o primeiro remate com dificuldade e viu depois, no outro jogador, a bola passar fora do seu alcance, ao lado do poste.

No 2.º tempo, Azevedo só foi chamado unicamente a defender uma bola, em defesa fácil, somente consentida, para que o guarda-lonino nacional não estivesse todo este tempo inactivo.

A explicação para este fracasso do ataque leonino deu-nos aquele espectador, que, ao verificar a apatia dos avançados do Sporting, a embulhar-se no meio do terreno, com fintas e o prenderem a bola nos pés, exclamou:—Agora, sim, está justificada a derrota com o Boavista...

Os jogadores deviam esquecer-se de que não basta dominar, é necessário saber concretizar esse comando de partido, dada a aglomeração de jogadores do Oliveirense, em frente das balizas, na preocupação de barrarem o caminho aos avançados do Sporting, deviam estes descongestionar o terreno, abrindo com frequência jogo aos extremos e a não prenderem a bola nos pés, jogando-a sem a parar, os sucessivos toques e visando com frequência a baliza.

Mas não. Os extremos raramente estiveram em jogo, porque Albano e Cordeiro teimaram na posse da bola, demorando-a e quando faziam o passe para Peyroteo, já este estava bem guardado e impossibilitado de dar seguimento à jogada.

Noutras ocasiões não passavam a bola, teimando em jogadas pessoais, das quais nada resultava de útil.

Só por negligência dos seus avançados o Sporting não arrancou o resultado que o comando do jogo exercido justificava.

O Oliveirense, dentro da toada do chutar a bola de qualquer maneira, conseguiu o seu objectivo.

Merece destaque a actuação do seu guarda-lonino, que denunciou ter qualidades, de defesa direita, um tanto aspero e do interior direito. Os restantes não se puderam evidenciar.

Do grupo leonino Barrosa foi o jogador que esteve mais em evidência.

O terreno do jogo parecia mais um ribeiro do que um campo de futebol, só com muita boa vontade foi dado por capaz para se realizar o encontro... O árbitro, sr. Matias, notabilizou-se pela insistência em que apitava as faltas...

JOSÉ MALHEIRO

A organização dos árbitros e o seguro dos juizes de campo

Depois de uma reunião conjunta entre a comissão Central dos Árbitros e a Federação Portuguesa está definitivamente resolvido o caso do seguro dos juizes de campo, quando em função de arbitragem.

A iniciativa por-se-á em prática sem tocar no prémio da arbitragem, pois os respectivos encargos saem do fundo de Arbitragem, ou em caso de prejuizo também do Fundo da Expansão.

As verbas das comissões distritais foram sensivelmente aumentadas e já estão fixadas. A Federação interessou-se vivamente por tudo quanto se referia ao movimento de arbitragem.

PEÇAM QUINADO POÇAS JUNIOR

Agentes distribuidores: Pérola do Oriente, L.
Rua da Rosa. 198—Telef. 25565

TRÊS JOGOS FORA DE LISBOA

O Sport Lisboa e Elvas comanda a classificação

O 3.º empate do Benfica

O mau tempo que ultimamente tem flagelado o país, através de um inverno rigoroso, impediu a realização do jogo F. C. do Porto-Atlético, que deve disputar-se amanhã—se for possível...

Deste modo, a tabela da classificação ficou incompleta, vendo-se o Sport Lisboa e Elvas isolado, faltando-lhe a companhia do Porto, que era seu parceiro desde o domingo anterior.

A posição dos «encarnados» elvenses é interessante, constituindo a nota sensacional da competição, que nos promete ainda outras surpresas.

Os jogos do Benfica em Coimbra são sempre aguardados com expectativa. A Académica continua a oferecer aos «encarnados» de Lisboa luta constante e não poucas vezes estes se têm visto em apuros na cidade do Mondego.

Para não fugir à regra, a partida de Coimbra teve vibração, decorrendo no tradicional ambiente de entusiasmo que os estudantes sabem dar aos jogos que ali se realizam.

Não obstante o estado do campo não ser propício a grandes exhibições, o encontro caracterizou-se por um duelo cerrado de principio a final, como o próprio resultado deixa prever.

O Benfica correu sério risco. No primeiro quarto de hora sofreu duas bolas, mas soube reagir com denodo, estabeleceu o empate e conseguiu até um ponto de avanço. Entre a segunda bola dos estudantes e a primeira dos benfiquistas mediarão vinte e seis minutos. E é fácil de avaliar em que condições eles decorreram, com a Académica ante a perspectiva de um triunfo, que seria o primeiro, e o Benfica a fugir à derrota...

A vontade dos «encarnados» operou o empate, obtido nos últimos minutos do primeiro tempo.

Aos três minutos da segunda parte o Benfica colocou-se à frente. A vantagem foi de pouca duração, pois não demorou novo empate. Este veio a persistir até final, apesar dos esforços dos dois «teams». Qualquer deles podia ter ganho o jogo, mas a igualdade talvez venha a ser o melhor desfecho de uma partida de certo modo equilibrada.

Os lisboetas apresentaram uma «équipe» que, integrada de Francisco Ferreira, que ontem não alinhou, deve ser a melhor, que de momento pode constituir. Teixeira 2.º foi de novo chamado à defesa, onde estava a cumprir, e Jordão reapareceu no lugar daquele.

Moreira voltou a ser o melhor elemento do «onze», jogando com um entusiasmo comunicativo, sem um desfalecimento do primeiro ao ultimo minuto. Foi ele o grande impulsionador da forte reacção dos lisboetas, cujo esforço deve assinalar-se.

A Académica, com uma «équipe» que não deve andar longe do seu melhor, já mais afeita ao «andamento» destes desafios, teve acção técnica de mais relevo que o adversário, principalmente na linha avançada, onde a ala direita atingiu excelente nível. Faltou-lhe dianteiro centro mais decidido, para aproveitar as muitas oportunidades que o ataque criou. O entusiasmo dos lisboetas deve ter, no entanto, perturbado o grupo, que não pôde evitar terceiro empate do Benfica.

A vitória do Sport Lisboa e Elvas esteve muito comprometida. Na primeira parte os vimaranenses jogaram melhor, demonstrando supremacia que o resultado de 2-1 ao intervalo traduzia bem. Os elvenses, neste período, denunciaram certa apatia, quebrando-se a «équipe» pelo trabalho irregular dos interiores, a dar seguimento deficiente ao apoio dos médios, onde Rana se superiorizava aos companheiros. No segundo tempo operou-se uma completa reviravolta: O Elvas, estimulado, vendo a necessidade de ganhar, lançou-se ao ataque com extraordinária energia e assim se manteve até final.

A exhibição do «team» chegou, por vezes a ser brilhante, e foi em ambiente de profunda emoção, porque o Vitoria nunca renunciou à luta, que os elvenses conquistaram terceiro triunfo consecutivo. Proeza que não é de mais assinalar e que coloca os «encarnados» da cidade fronteiriça em optima posição.

Quem foi o autor de três dos quatro «goals» do grupo, facto que deve salientar-se, porque é sempre, em qualquer circunstância, um feito de valor. Por coincidência os dois pontos do vitoria foram marcados pelo mesmo jogador, Briosos.

O Vitoria de Setubal foi desafortunado na sua deslocação para Orléans.

E' provável que viesse a perder o desafio, mas tal como os factos se passaram fica margem aos setubalenses para lamentar a sua falta de sorte.

A «équipe» ficou privada, aos dez minutos, do concurso do guarda-redes, substituído, o melhor possível, pelo defesa Pereira. A este puderam, até, ser creditadas algumas boas intervenções, mas não há dúvida de que a inferioridade numerica do «team» foi pormenor de peso no desenrolar do jogo.

Não admira o domínio dos algarvios de admitir mesmo com o adversário completo. O que admira é que a sua famosa linha avançada não tenha ido além de dois «goals» marcados a um guarda-redes de recurso. Houve em doses iguais talvez, infelicidade e precipitação. A substituição de Baptista por Pereira deve ter feito acreditar numa copiosa vitória e como o improvisado «keeper» se portou de maneira brilhante, sendo considerado como o «herói» do campeão da A. F. S., os dianteiros olhanenses perturbaram-se ante a ineficácia dos seus remates.

De qualquer modo a nota mais incisiva do desafio é dada pela inferiorização numerica do Vitoria de Setubal.

MANUEL MOTA

Em Moçambique

(Continuação da pag. anterior)

possível efectuar três dos 25 assaltos do encontro. A «équipe» de Johannesburg obteve, no entanto, um resultado positivo mesmo sem aqueles combates, pois totalizou 12 vitórias e 8 derrotas, com 2 assaltos nulos. Entre os seus componentes salientou-se Miss B. Smith, que não consentiu uma só derrota, e J. Heys, que conquistou três vitórias à espada.

O Centro de Esgrima de Moçambique fez-se representar por António Silveira (3-1), Gomes da Silva e Rui Quinhones (2-3), Duarte Ferreira (1-1-2) e Sheppard Cruz (0-1-3). Indicam-se entre parentesis os resultados individuais.

As informações que possuímos levam-nos a concluir que os portugueses foram possivelmente prejudicados no julgamento dos assaltos de florete. O respectivo júri, que depreendemos ter sido presidido por Mrs. E. F. Richards, professora sul-africana de esgrima, não funcionou com a composição regulamentar, pois tinha só dois vogais.

Também somos levados a deduzir que os regulamentos da F. I. E. não são rigorosamente interpretados em Lourenço Marques, visto que os encontros nulos se verificaram precisamente em dois dos assaltos de florete—arma na qual não podem verificar-se resultados deste género, nem mesmo quando o limite de tempo se atinge com um empate. A matéria do 8.º sub-título do capítulo IV dos regulamentos internacionais é clara a este respeito.

Seja como for, merece ser elogiada a actividade dos esgrimistas do C. E. M., que muito têm trabalhado para o proveitoso intercambio desportivo com as salas de armas da União Sul-Africana.—A. M.

PORTUGAL INTEIRO PASSOU a USAR

os famosos RELOGIOS PRONTO

PRONTO WATCH CO. LE NOIRMONT SUISSE

O PORTO

pelo telefone

As festas do Natal

PORTO, 24.—Mantendo inalteravelmente a sua velha tradição, o Porto viveu hoje o dia de maior movimento de todo o ano. Logo às primeiras horas da manhã, embora o tempo se apresentasse por vezes chuvoso, a população tripeira, num vai-vem constante, pelas principais ruas da cidade, tinha um aspecto alegre, muito diferente do habitual. Por toda a parte havia um movimento intensíssimo, sobretudo nas confeitarias e nas mercearias, na compra de géneros para a tradicional noite da consoada.

As estações de caminho de ferro regorgitam de gente.

Logo às primeiras horas da noite, verificase um contraste flagrante com a vida febril e agitada do dia, pois a cidade vai mergulhar num silêncio impressionante. Não há espectáculos—e os «cafés», segundo a velha praxe, estarão encerrados a partir das 22 horas.

E o mais que virá...

Resultante da colheita do ano corrente, a direcção da Exploração dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, com sede nesta cidade, na avenida da França, 109, está a receber propostas para a venda de cerca de 4.500 litros de vinho verde tinto, que tem armazenados na sua estação de Guimarães.

Com uma camara municipal a vender pianos e gramofones e uma companhia de caminhos de ferro a vender vinho verde, ninguém poderá calcular com acerto o que virá a ser o dia de amanhã...

O assalto à ourivesaria Brilhante

Parece averiguado que nada tem com o assalto à ourivesaria Brilhante aquele indivíduo de nome Cosme Luiz de Almeida, preso antontem, numa oficina de gravador onde estava empregado há poucos meses, e que há anos estivera empregado naquela ourivesaria, cujo proprietário ameaçara depois de ser despedido. O passado pouco limpo do Cosme, aliado ao facto do guarda-nocturno da área ter dado os sinais de dois indivíduos suspeitos que estiveram na rua até de madrugada, na noite do assalto, indicações que faziam prever que um desses indivíduos fosse o Cosme, levaram a Polícia a procurá-lo e a prendê-lo. Dos interrogatórios, porém, nada se pode concluir acerca da culpabilidade daquele indivíduo.

Os seus actuais padrões deram boas informações a seu respeito, estando mesmo na disposição de o aceitar logo que seja posto em liberdade. Outros informes colhidos acabaram por deixar nos agentes a impressão de que o Cosme se regenerara. Contudo, mesmo que se confirme a sua inculpabilidade, não poderá ser solto, pois tem de cumprir alguns meses de prisão a que fôra condenado há algum tempo em processo á revelia.

Dois roubos

Queixaram-se á Polícia: Alfredo Guimarães, contra João Pinto Coelho, a quem acusa do desvio de uma mala com roupas e documentos no valor de 5.000\$00; e Natália dos Santos Lima, residente em Lisboa, que deu pela falta de um casaco de peles no valor de 1.000\$00, ao chegar á estação de S. Bento.

O acusado do furto da mala acima referida foi preso, o mesmo acontecendo a uma mulher de nome Margarida Albertina Costa, para averiguações.

O TEMPORAL EM OLHÃO

Com destino a contribuir para socorrer a situação de algumas das vítimas do temporal em Olhão, recebemos 100\$00, de um anónimo, que registamos com os melhores agradecimentos.

O MELHOR BRINDE DE NATAL:

ANA PAULA

romance

de

Joaquim Paço d'Arcos

Acaba de sair a sétima edição.

Sete edições em sete anos.

O livro que existe em todas as estantes está presente em todos os espíritos e entrou em todos os corações.

Edição da Parceria António Maria Pereira

Ourivesaria Moitinho

65—RUA DA PRATA—67

Os seus proprietários apresentam Boas Festas aos seus amigos e clientes, desejando-lhes muitas prosperidades.

O LAUREADO DO PREMIO

«Dr. Gomes Teixeira»

fala-nos das deficiências

do ensino da matemática em Portugal

Foi atribuído pela primeira vez, desde que o Ministério da Educação Nacional o instituiu, o prémio «Dr. Gomes Teixeira», destinado a um trabalho de matemática digno de ser galardoado por essa alta distinção científica. O júri concedeu-o por unanimidade ao dr. Fernando Soares David, licenciado em ciências matemáticas pela Universidade do Porto, onde se formou em outubro último, e um dos mais brilhantes colaboradores do Centro de Estudos Matemáticos do Porto e do Seminário de Física Teórica.

O sr. dr. Soares David é uma pessoa simples, modesta e amável. Um novo com ideias modernas. Quisemos ouvi-lo sobre a distinção que lhe foi conferida. Preferiu falar sobre os assuntos da sua especialidade.

—Que pensa do ensino da matemática em Portugal?—perguntamos-lhe.

—Falo na qualidade de recém-licenciado em Matemáticas pela Universidade do Porto. Julgo, no entanto, que a minha opinião sobre o assunto é aplicável duma maneira geral a todo o ensino universitário português, já porque ela é a resultante dum largo contacto com estudantes qualificados de outras escolas, já porque o corpo docente de Matemática do Porto é considerado dos melhores do país.

«Para mim o curso superior foi uma decepção quase total. Não encontrei aí programas actualizados, salvo uma ou outra excepção, nem estímulo á iniciativa pessoal e á investigação, nem tempo para estudar, com os dias sobrecarregados de aulas práticas de manhã á noite. Uma tentativa insustentável e falhada de enciclopedismo, redundando, lamentavelmente, num processo de esterilização muito completo. O dr. Manuel Valadares disse há meses na «República»: «A função que permite distinguir uma Faculdade de Ciências de uma escola secundária—a da criação de Ciência—tem estado permanentemente, salvo raras excepções, ausente dos objectivos e das realizações das nossas Faculdades». A crítica sintetizada nesta frase responde perfeitamente á minha decepção.

E o dr. Soares David acrescenta:

—O que a Universidade me não deu—e que era indispensável para completar as raras técnicas clássicas, quasi sempre imperfeitas, nela adquiridas—fui encontrá-lo no Centro de Estudos Matemáticos do Porto. Ao acolhimento que me foi dado nesse núcleo de trabalho se deve o que há de positivo na minha formação. As influências mais decisivas lá recebidas devo-as aos professores Rui Luiz Gomes,

António Aniceto Monteiro e Alexandre Prisca—físico francês contratado pelo Instituto para a Alta Cultura.

«Como eu, muitos jovens recebem ali o seu baptismo na aquisição duma técnica e no treino de investigação. Quero, contudo, chamar a atenção para as condições extremamente precárias, em que se trabalha nesse centro de estudos. Apesar de se tratar dum organismo oficial, subordinado ao Instituto para a Alta Cultura, ele vive quasi exclusivamente do entusiasmo desinteressado dos seus colaboradores e muito especialmente do seu director—o professor Rui Luiz Gomes. Assim, o centro não está á altura de satisfazer as aspirações dos que o procuram. A investigação científica não pode viver em regime de amadorismo.

—Que se poderia fazer no sentido de melhorar a investigação?

—Da minha experiência tira-se uma conclusão fundamental:—a necessidade de criar numerosos centros no género do Centro de Estudos Matemáticos em todos os ramos da actividade científica, considerados como elementos essenciais da vida nacional e recebendo portanto a protecção que merecem. Como unico meio de começar imediatamente a atacar o problema, o envio em massa de bolseiros para o estrangeiro e o contrato de professores estrangeiros categorizados.

«Impõe-se também desde logo, como elemento indispensável de coordenação e planificação da actividade de todos esses núcleos, a existência dum organismo que, no seu aspecto politico, quero dizer, como instrumento do governo ao serviço do povo, há-de enquadrar-se numa nova concepção de todo o problema português—á luz dos grandes princípios de liberdade e de justiça social pelos quais se bateram as Nações Unidas e que a pouco e pouco se vão implantando em toda a parte; e no seu aspecto científico há-de ser constituído por investigadores e técnicos que se tenham já afirmado pelos seus trabalhos, pela sua dedicação e pelo seu entusiasmo», como escreveu em tempos o prof. Rui Luiz Gomes, no «Diário de Lisboa».

A
OURIVESARIA
ROSSIO, L.da

(ROSSIO, 90, 91 e 92)

deseja aos seus
Ex.^{mas} clientes e amigos

UM NOVO ANO
MUITO FELIZ

PRATAS

FAQUEIROS, serviços, salvas, etc., aos melhores preços. «BARATEIRO PIMENTA», Rua da Palma, 2.

PRATAS ANTIGAS E MODERNAS

Compram-se aos melhores preços

Ourivesaria Lisboa

22, Rua da Belesga, 24 (ao Rossio)

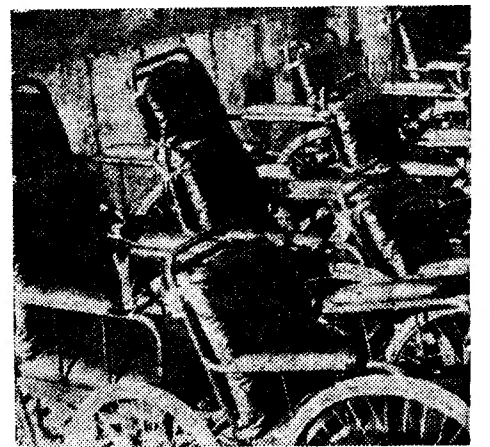
Grande Ourivesaria da Moda

257—Rua da Prata—257

EXCEPCIONAL SORTIDO DE ARTIGOS DE OURIVESARIA

Para BRINDES não escolha outra casa, onde encontrará tudo que lhe aprouver.

Os seus proprietários saudam os seus clientes e amigos, desejando-lhes Boas Festa e muitas prosperidades.



Os carros, alinhados,

Distribuição

pelo Socorro
a trinta e

O «Socorro de Inverno» recebeu 80 pedidos de carros para paralíticos; mas só ficaram prontos 33, estando os restantes em construção, para serem distribuídos oportunamente.

Esses 33 carros—que importaram em mais de 150 contos—foram, esta tarde, distribuídos, na rua Ivens, 8, ás famílias dos inválidos, visto que muitos destes não podem sair de casa.

Há mesmo um que não vem á rua há 16 anos. Poderá fazê-lo desde hoje em diante, e outros, graças a esta distribuição, poderão voltar a ganhar a sua vida.

Assistiram á distribuição diversas entidades, entre as quais os srs. comandante Nuno de Brion, governador civil, e dr. Carvalho André, da comissão do «Socorro de Inverno».

Na Liga dos Combatentes

Presidida pelo sr. general Daniel de Sousa, presidente da comissão central administrativa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, e na presença do sr. governador civil de Lisboa e de um representante dos Inválidos de Guerra, fez-se, hoje, a distribuição do bodo «Natal do Combatente», constituído por 1 pão, 500 gramas de carne de vaca, 500 gramas de massa, 500 gramas de açúcar, 250 gramas de café, meio quilo de feijão, 100 gramas de toucinho, 60 gramas de chouriço e fruta.

Ao acto compareceram também o presidente da comissão administrativa da Agência de Lisboa, srs. capitão Garcia Andrade, e a sr.^a D. Fátima Tamagnini de Oliveira, presidente da sub-seção auxiliar feminina.

Na Estação Marítima de Alcantara

Os filhos dos trabalhadores do Porto de Lisboa tiveram hoje, na Estação Marítima de Alcantara, uma linda festa no 1.º andar daquelle edificio: ao alto, presidindo, os painéis de Almada Negreiros; em baixo, a decoração sugestiva, segundo o risco de Botelho. A sala tinha, assim, o aspecto de uma linda caixa de brinquedos, com árvores de Natal, um simpático Pai Natal, de longas barbas brancas, a distribuir brinquedos e, no estrado, artistas da rádio e palhaços que davam alegria, ainda mesmo aos mais tristes. Presidiram á festa, onde não faltaram excelentes guloseimas, o adminis-

EDITORIA
apresenta uma

«A RELIGIÃO

EDUARDO

Livro de ideias conjugando o estudo e a tica, evolução no tempo das formas e géneros e beleza.

Extraordinária documentação iconográfica
Um livro de arte, ilustrado com 9 estrat. rotogravura.

Uma obra de grande

A' venda em todas as livrarias e

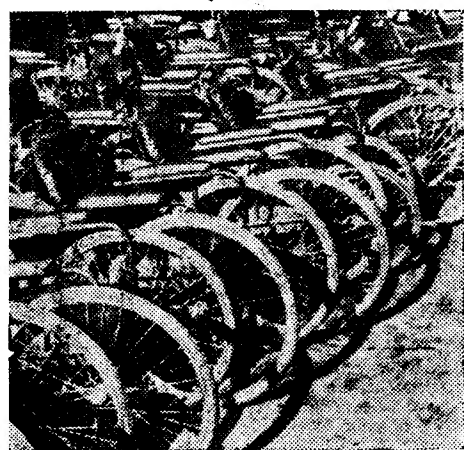
Editorial Atica, Rua d

BRINDES DO NATAL

SERVIÇOS EM PRATA CINZELAD

O QUE HÁ DE MAIS ARTISTICO

281, RUA DA P



Esta tarde, na rua Ivens

de carros de Inverno três inválidos

trador geral do Porto de Lisboa, membros do conselho administrativo, etc.

No hospital Colonial

Um representante do ministro das Colónias e do subsecretário da mesma pasta, esteve hoje no hospital Colonial, a presidir à festa que ali se realizou, dedicada aos doentes. Numa sala grande, foi armado um presépio e aos internados, além de refeições melhoradas, com doce, frutas secas e vinhos generosos, foram oferecidos presentes.

Depois, procedeu-se à inauguração de uma pequena biblioteca, com livros oferecidos por editores, autores e entidades oficiais, por fim, à instalação de um aparelho de T. S. F., que dará algumas horas de distração aos doentes em condições de beneficiar deste novo presente colectivo.

Além do sr. dr. Silva Cunha, representante do ministro das Colónias foram convidados o director do Instituto de Medicina Tropical, o presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa e o director do Arquivo Histórico Colonial. Os convidados foram recebidos pelo director do hospital, sr. tenente-coronel médico, dr. João Pedro Faria.

Outras comemorações

Na sede do Auxílio Social de Espanha, no edifício da rua do Salitre, procedeu-se hoje à distribuição de generos alimentícios a duzentos pobres da colónia espanhola de Lisboa. No dia de Reis, como é da tradição, serão distribuídos brinquedos às crianças.

—Os bombeiros voluntários da Cruz de Malta promovem amanhã, às 15 horas, no seu novo quartel no largo do Leão, 10, a sua festa de Natal para as crianças, com a colaboração do grupo auxiliar feminino e do grupo dos Amigos da Rádio. Serão distribuídos brinquedos e um lanche.

—Na Casa de Entre-Douro e Minho realiza-se amanhã uma «matinée» para crianças, com distribuição de brinquedos.

—Em Pedrouços, a distinta poetisa sr.^a D. Nita Lupi, esposa do nosso camarada de Imprensa sr. Luis Lupi, distribuiu hoje roupas e um budo a cerca de 350 crianças pobres da rua de Pedrouços, a exemplo do que tem feito nos últimos anos.

L ÁTICA edição invulgar DO TEATRO» E SCARLATTI

atitude crítica sobre a arte e literatura dramática do teatro, eis uma obra excepcional de cultura

ilustrativa das ideias expressas no texto.
texto a cores e cerca de 50 extras-texto, em

categoria bibliografica

a sede da
e Chagas, 23 a 27—Telef. 2 0642

ATA, 283
DAVID
JOALHEIRO

Portugal já teve

por mais de uma vez
três e quatro cardiais
ao mesmo tempo

A anunciada elevação á purpura cardinalícia do arcebispo de Lourenço Marques, D. Teodosio Clemente de Gouveia—o que dá a Portugal uma dupla representação no Colegio cardinalício—traz a capitulo os períodos da nossa historia politica e ecclesiastica em que o nosso país não se limitou a ter um unico cardinal. E é, talvez, oportuno recapitular.

Não recuando ao período da casa de Aviz, durante o qual tivemos cardiais como D. Pedro da Fonseca (1418), D. António Martins Chaves (1439), D. Jaime de Portugal (1456), D. Jorge da Costa (Alpedrinha) (1476) o Infante D. Afonso de Portugal (1517), o infante-rei D. Henrique (1545), D. Miguel da Silva; e muito menos nos reportando ao período filipino e depois ao tempo de D. João IV, durante o qual as nossas relações com Roma foram incertas—tomemos como ponto de partida o reinado de D. Pedro II.

Tinha Portugal então, como outros grandes países do catolicismo, o privilegio real de nomear um cardinal—que havia de ser confirmado pelo Pontífice—e se chamava «cardial nacional», ou «cardial da Coroa» e que não era imperativo que fosse prelado. Quando foi criado o patriarcado de Lisboa assentou-se que este prelado tivesse inerente á sua diocese a dignidade cardinalícia: o patriarca de Lisboa, como o arcebispo de Toledo, é sempre nomeado cardinal no primeiro consistório que se seguiu á sagração.

D. Verissimo de Lencastre, que foi do conselho de D. Pedro II, e arcebispo de Braga, foi cardinal da Coroa de 1686 a 1692. A seguir o

arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Sousa, que o Papa por si próprio nomeou (1697-1702), o logo, como cardiais da Coroa, D. Nuno da Cunha e Ataíde, ministro de D. João V e bispo de Elvas (1712-1750), e D. José Pereira de Lacerda, bispo do Algarve (1719-1729). Como se vê pela cronologia, neste período houve em Portugal dois cardiais.

D. João da Mota e Silva foi nomeado cardinal da Coroa em novembro de 1727 até 1747, sucedendo haver então três cardiais portugueses. Com a criação do Patriarcado foi eleito prelado de Lisboa o famoso D. Tomás de Almeida, da Casa Avintes e Lavradio, cardinal por força da sua alta posição, e então, a partir de abril de 1747—Portugal teve quatro cardiais.

Em 1747 foi feito cardinal da Coroa D. José Manuel da Camara e Tavora, da Casa Atalaia, e, havendo já morrido D. José Lacerda, continuou o nosso país com quatro cardiais.

Seguiu-se depois um longo período em que tivemos sempre dois cardiais: o citado D. José Manuel e D. Francisco Saldanha da Gama—logo este e o cardinal D. Paulo de Carvalho, irmão do Marquês de Pombal, o qual só foi cardinal durante 30 dias e morreu sem saber que o era; depois o mesmo D. Francisco Saldanha e o famigerado D. João Cosme da Cunha (1770-1783); a seguir este ainda e D. Fernando Sousa e Silva, filho do conde de S. Tiago, e que quando subiu a patriarcha já era cardinal.

De 1788 a 1808 houve um unico cardinal, o patriarcha D. José Francisco de Mendonça; mas logo foi nomeado (1803) cardinal da Coroa D. Miguel Carlos de Noronha, e voltou-se ao regime de dois. De 1819 a 1825 houve apenas o cardinal patriarcha D. Carlos da Cunha e Meneses, mas logo foi nomeado pela Coroa Frei D. Patricio da Silva (1824) de origem humilde, frade Agostinho que foi arcebispo de Evora, e tornou-se a dois. Voltou-se á unidade com o famoso cardinal Saraiva, D. Frei Francisco de S. Luiz (1843-1845) e, depois, com D. Guilherme de Carvalho (1846-1857). Mas porque a Coroa nomeou em 1850 D. Pedro Paulo da Cunha e Melo, houve um período de seis anos com dois cardiais portugueses.

De 1858 a 1879 houve só um cardinal, primeiro D. Manuel Bento Rodrigues, depois D. Inacio Cardoso. Mas em maio de 1879 a Coroa nomeou cardinal D. Americo dos Santos Silva, filho do barão de Santos, nascido em Massarelos, e bispo do Porto.

D. José Neto foi cardinal por ser patriarcha em 1884, e teve por par D. Americo até 1899 ano em que morreu o bispo portuense. D. António Mendes Belo foi cardinal patriarcha em 1914, e como D. José Neto, que resignara, mas não perdera a dignidade cardinalícia, só morreu em 1920, seguiu-se que durante seis anos, já na Republica, houve dois cardiais.

Em 1929, pela morte de D. António, foi eleito patriarcha D. Manuel Cerejeira (que foi elevado ao cardinalato no mesmo dia que o actual pontífice Pio XII). Agora 1945, pela elevação á dignidade de cardinal do arcebispo de Lourenço Marques, D. Teodosio Gouveia, por decisão própria do pontífice—voltou-se á situação de Portugal ter dois cardiais.

E aqui está um resumo.

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

SAIU HOJE O FORMIDAVEL NUMERO DE NATAL DE

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

60 páginas com capa a 3 cores em papel especial
150 prémios a distribuir aos compradores deste numero

Preço 6 escudos

COMPRE IMEDIATAMENTE, ANTES QUE SE ESCOTE !

O PROPRIETARIO

da Pastelaria Estrela de Ouro

Rua da Graça, 26

Apresenta aos seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos cumprimentos de Boas Festas, desejando-lhes um Ano Novo repleto de prosperidades.

EM 3 LINHAS

O Banco Lisboa e Açores foi autorizado a elevar o capital de 10.000 para 30.000 contos, mediante incorporação de 20.000 contos de reservas.

///

Os funcionários colocados nas ilhas adjacentes só podem requerer a sua transferência para o continente decorridos dois anos de exercicio efectivo do cargo.

///

Foi nomeado vice-consul em Dakar o sr. Pedro Lozano.

///

Na praça da Figueira, o casal de perus chegou a cotar-se a 160 escudos, mas o preço de venda nas ruas fez baixar aquela importancia.

///

As repartições publicas, estiveram fechadas esta tarde, por motivo da habitual tolerancia de ponto.

Vai reorganizar-se o comando das forças britânicas

LONDRES, 24.—O critico militar do órgão trabalhista «Daily Herald», referindo-se ás declarações feitas aos jornalistas pelo marechal Alan Brooke, chefe do Estado Maior Imperial, de que se pensa em nomear um novo chefe de Estado Maior para todo o Império, diz que essa afirmação revela a perspectiva duma mais intima coordenação das forças armadas da Comunidade Britânica. O articulista escreve: «Até aqui, divergências entre os vários Comandos, quanto ao armamento, ao equipamento e ao treino, têm prejudicado uma cooperação eficiente. Conferências mais frequentes entre os chefes dos Estados Maiores, tanto na Grã-Bretanha como nos Dominios, devem contribuir para pôr termo a essas divergências. Essas conferências são muito mais de desejar nas presentes circunstancias, em que o treino intenso, principalmente das colunas móveis blindadas, não podem realizar-se satisfatoriamente nos apertados limites das ilhas britânicas e podem desenvolver-se com mais exito nos vastos territórios dos Dominios. Na presente situação mundial, é também de recomendar uma mais intima associação politica e estratégica, o que só pode obter-se na base do Império». —(Reuter).

MAIS UM LIVRO DE MEDICINA EDIÇÃO DA LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA, LD. VITAMINAS

NEUROAVITAMINOSES PELO PROFESSOR

Um trabalho extremamente original. Sistematização dos quadros nervosos e mentais provocados pelas avitaminoses. Produto de muitos anos de investigação clinica e laboratorial.

Ideias originais em muitos pontos da patologia das avitaminoses.

Documentação completa e moderníssima sobre as relações experimentais das vitaminas com o sistema nervoso, em que o autor é tido por um dos mais profundos conhecedores.

A 1.^a edição esgotou-se em um mês
1 volume, encadernado

de 203 páginas..... 110\$00

A' venda em todas as Livrarias

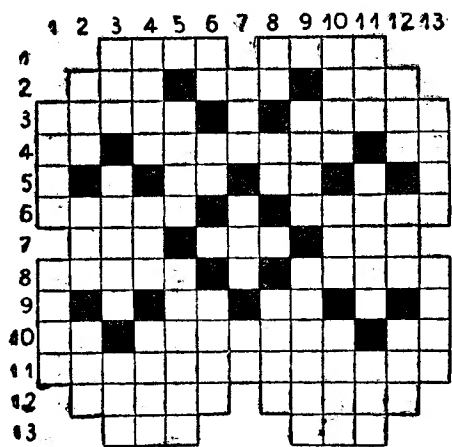
PELES DAVID KIT

O maior e o mais fino sortido em Casacos de Vison, Castor, Astrakan, Mouton Doura, White-Face, Estolas, etc... Os modelos mais finos vindos da América.

Avenida Conde de Valbom, 18, 1.^o
LISBOA - Telefone 4 8089

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1181



HORIZONTAIS: 1—Insensível. Arrel! 2—Abóbada celeste. Afirmção. Acima! 3—DI-FOSO. O DIA QUE AMANHÃ SE COME-MORA. 4—Preposição. Ilhas holandesas da Malásia. Brinca. 5—Em a. Nesse lugar. 6—Opõe-se. Dá vida. 7—Pegadeira. PREPOSIÇÃO E ARTIGO (PL.). Agora. 8—Líquido que a digestão extrai dos alimentos. Traia. 9—Pre-texto. Nota de Música. 10—Andar. Uma das grandes Antilhas. A mim. 11—OS QUE RE-SOLVEM ESTES NOSSOS PROBLEMAS. 12—Vermelhidão local. Mesa onde se celebra a missa. 13—Interjeição que imita pancada. Gemidos.

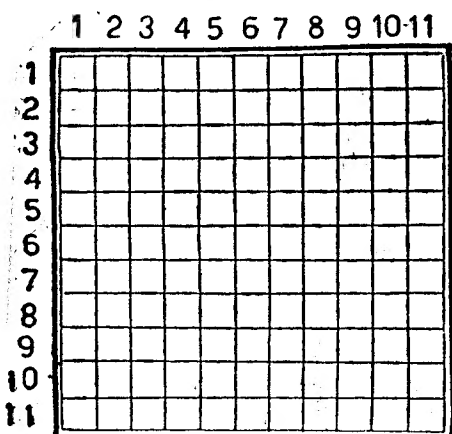
NOTA:—As palavras resultantes das legendas em maiúsculas, devem ser colocadas no desenho com letras mais salientes, a fim de se destacar a frase que este problema encerra e que, com muito gosto, a dirigimos aos milhares de leitores que se entretêm com esta secção.

VERTICAIS: 1—Erva que se seca para o gado. Pretendeu. 2—Numeral cardinal. Caixa com tampa convexa. Grande quantidade. 3—Bilis. Desta maneira. Antiga povoação dos arredores de Lisboa, hoje integrada na capital. 4—Mau. Semelhante. Crina de leão. 5—Região. Que não deixam atravessar a luz. 6—Artigo (pl.). Ali. Chefe muçulmano. 7—Pau-ferro. Maior. Preposição e artigo. 8—Prefixo de negação. Entre nós. Delicada. 9—Divindade feminina inferior que presidia às fontes e aos rios. Hesita. 10—Caminhos. Patriarca hebreu que foi o tronco das novas raças humanas (Bibl.). Cidade de Itália, à beira do rio Barbo. 11—Cidade de França, no departamento de Vaucluse. Teima. Pequena bigorna sem hastes. 12—Rio da Suíça que banha Berne. Dificuldade. Imensidade. 13—Capital do Peru. Clima.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1180

HORIZONTAIS: 1—Filisteus. 2—Goa. Id. Ornas. 3—Ai. Job. Agre. 4—Lá. Vê. Um. Ion. 5—Aliados. Ut. 6—Lucifer. 7—AC. Arsenais. 8—Gás. Em. A's. Rs. 9—Ofir. Oco. De. 10—Suais. Ré. Som. 11—Assimilou.

VERTICAIS: 1—Galapagos. 2—Foi. Al. Ca-ya. 3—la. Vil. Sias. 4—Lá. Jeju. Ris. 5—Ido. Acre. Si. 6—Budismo. 7—To. Mofe. Cri. 8—Era. Senão. El. 9—Ungi. Ras. Só. 10—Sarou. Ir. Dou. 11—Sentissem.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 187

HORIZONTAIS: 1—Prisões subterrâneas. 2—Maior. Parte das calças. 3—Funcionasse. 4—Grande quantidade. Transpiro. Agora. 5—Plan-ta aquática criptogâmica. Estimar. 6—Tramaria. 7—Possuirá. Ofega. 8—Raiva. Igual. Aqui es-tá. 9—Limparíamos com a vassoura. 10—In-terjeição. Trituro com os dentes. 11—Atasse.

VERTICAIS: 1—Sedução. 2—Lista. Data colobre. 3—Encherem de amargura. 4—Debaix-o de. Altar. Braço navegável de rio. 5—La-vras. Pôr peias. 6—Tremeluzir. 7—Encontro. Gracejara. 8—Sirga. Camareira. Preposição e artigo. (pl.). 9—Chegaremos ao cume. 10—Se-nhora (abrv.). Vendo a crédito. 11—Tornasse a armar.

Uma festa em Entre-os-Rios

ENTRE-OS-RIOS, 23.—O Club Foz do Ta-mega, desta povoação, promove na noite de 31 de dezembro uma festa para os seus sócios e amigos. Foi dirigido um convite às principais famílias do concelho para tomarem parte no baile que esta associação recreativa promove na últi-ma noite do ano.

Os sábios o e título

(Continuação da 1.ª pag)

gentes turcos apoderarem-se de novos territórios da Georgia. Por isso o nos-so povo desta república, que tão deci-sivamente contribuiu para o esforço de guerra comum pede que sejam de-volvidos à pátria as parcelas territo-riais que dela foram arrancadas».

As reivindicações soviéticas

A exposição histórica dos dois pro-fessores ficaria certamente ignorada para sempre, do resto do mundo se, uma semana depois, quando os minis-tros dos Negócios Estrangeiros da França e da Grã-Bretanha prepara-vam o volumoso «Dossier» sobre a Pérsia, para o discutirem com Molotov nas salas severas do palácio Spinidi-nova, os jornais de Moscovo, com uma unanimidade reveladora, lhe não hou-vessem dado a maior publicidade enci-mando-a com um título publicado à largura de quatro colunas onde se lia: «As nossas legítimas reivindicações em relação à Turquia». «As delegações in-glesas e americanas à Conferência fica-ram de tal forma interessadas com o artigo dos sábios georgianos, disseram no mesmo dia os correspondentes dos jornais anglo-saxónicos na capital so-viética, que foram dadas ordens para se fazerem dele traduções que foram imediatamente colocadas sobre as se-cretárias dos srs. Bevin e Byrnes».

O que se passou nos três dias se-guintes é mais ou menos do domínio publico. Na Assembleia Nacional em Ankara, o chefe do exército turco, ge-neral Karabekir, afirmou categorica-mente que «se a Rússia insistisse nos seus pedidos a Turquia não teria outro remédio senão lutar». E em Londres, o «Sunday Times» escreve, de maneir-a não menos categórica que «os turcos não são como os persas e que a Tur-quia não pagará pelo preço do seu território ou do seu prestígio a amiza-de que deseja manter com os russos». Nos meios afectos à delegação ameri-cana em Moscovo, não há notícia de que a U. R. S. S. tenha formulado qualquer reivindicação territorial em relação à Turquia. Em Ankara, tam-bém não foi até agora recebida ne-nhuma comunicação oficial sobre o assunto.

Uma região estratégica vital

Estas notícias que, resumem a evo-lução do incidente russo-turco, nas suas aparencias formais, durante os últimos dez dias não tem o mento da

unidade. Desde que em março, antes de cessarem as hostilidades na Euro-pa mas quando o sentido da vitória não oferecia já dúvidas para ninguém, os dirigentes soviéticos anunciaram a sua decisão de não renovarem o pacto de Paris (pacto de não agressão entre os dois países em 1925) sem que pre-cisamente a Turquia satisfizesse de-terminadas condições, vive-se em An-kara numa atmosfera de inquietação compreensível. As condições apresen-tadas ao governo turco pelo embaixa-dor soviético Vinogradov (retrocesso dos territórios de Kars e Ardahan e condomínio nos Estreitos sob a mas-cara duma revisão da Convenção de Montreux) não foram aceites. A par-tir desse momento, a técnica da di-plomacia russa tornou-se clara: levar a Turquia a aceitar o princípio das conversações bilaterais, o que exclui-ria automaticamente as potências anglo-saxónicas do debate sobre os Estreitos.

Com a evolução do incidente persa e a proclamação da autonomia de Azerbaidjão, a situação para os turcos entrou numa fase crítica. «A autono-mia do Azerbaidjão, a que se seguirá rapidamente a sua incorporação no território soviético, escrevia o profes-sor Jules Menken em carta ao «Ti-mes», separará definitivamente a Pérsia da Turquia, escancarando a porta traseira deste país que é a entrada vital que corre ao sul do Ararab até Erzerum». A pressão diplomática em Ankara apareceu, assim, automática-mente, reforçada por uma ameaça es-tratégica de incontestável significa-ção. A Turquia, a Rússia e a Grã-Bre-tanha conhecem, pelos depoimentos definitivos de Enver Pachá, do grão-duque Nicolau e do general Allenby, o que essa região estratégica, de impor-tância decisiva, significa para cada um daqueles países. A história dos acon-tecimentos que nela se desenrolaram durante a primeira conflagração mun-dial constitui um elemento de valor incalculável para a apreciação do que vai certamente passar-se à volta dum território que, segundo o testemunho fundamentado do comandante Lar-cher na sua obra capital sobre a par-ticipação turca na guerra de 1914-18, continue «ao mesmo tempo a encruzi-lhada das comunicações e o campo entrenchetado que são, ao norte, a chave de todo o sistema defensivo da Turquia».—C. F.

TEATROS
E CINEMAS

EFEMÉRIDES

1903: Primeira representação, no teatro D. Maria II, da comédia em 3 actos «Um serão nas Laranjeiras», de Julio Dantas, interpreta-do por Angela Pinto, Beatriz Bente, Cecília Machado, Augusta Cordeiro, Amélia Viana, Ferreira da Silva, Fernando Maia, Joaquim Costa, Pinto de Campos e Luiz Pinto nos prin-cipais papeis.

Fazem amanhã anos: o antigo empresário e crítico Sabino Correia (Sabino Jorge do Nas-cimento Correia); o caricaturista Amarelhe (Americo Amarelhe); o actor Carlos de Sousa (Carlos Alberto de Sousa e Almeida); o em-presário Alves da Silva (João Maria Horta Carneiro Alves da Silva Junior).

Atrás do reposteiro

O actor Carlos Leal está a dirigir os ensaios da companhia do teatro Maria Vitória, que, em combinação com o empresário Alves da Silva, segue em «tournée» no próximo mês com duas revistas do repertório da empresa Rosa Mateus Lda.

—A companhia Maria Matos deve começar no Apolo mais cedo do que estava determi-nado. Do elenco deve fazer parte o actor João Perry.

—E' do cenógrafo Baltazar Rodrigues a apoteose «Sedas», com que termina a revista «A Travessa da Espera», em ensaios no Maria Vitória.

—O maestro-compositor Vasco Macedo, que há muito não aparecia nos nossos cartazes, foi convidado a escrever musica para a revisa do teatro Avenida.

—A actriz Fernanda de Sousa vai ingressar na companhia Maria Matos, no teatro Apolo.

—O papel criado pelo actor Estevão Ama-rante na peça musicada «O Pão de Ló», em ensaios no Avenida, vai agora ser desempenha-do pelo actor Barroso Lopes. O de Luiza Sa-tanela passa a ser interpretado por Irene Isi-dro.

Teatro em Espanha

Mariano Asquerino e Mary Carrillo estre-a-ram no teatro Principal, de Alicante, a peça «El huésped de la casona», de Cecilio Benítez de Castro.

—A peça «Madre Paz», que vai ser repre-sentada no Apolo, por Maria Matos, está a ser representada pela actriz Anita Adamuz, no teatro Serrano, de Valência.

—Nos primeiros dias de fevereiro, estreia-se, no teatro Fuencarral, de Madrid, a companhia Sorozabal, com a «Katiúska», cantada por En-riqueta Serrano.

—Completamente restabelecida da grave en-fermidade por que passou, reapareceu no tea-tro de Barcelona a actriz Aurora Redondo, espôsa do popular actor Valeriano Leon.

CARTAZ

TEATROS

TRINDADE—A's 21 e 45—«Não o levarás contigo!».

AVENIDA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«A casta Susana».

MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«A Vitória».

VARIÉDADES—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Alto lá com o charuto!».

APOLO—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Bolacha americana».

COLISEU—A's 21 e 30—Nova Companhia de Circo.

CINEMAS

S. LUIZ—«A sr.ª Parkinson».

TIVOLI—«O ditador».

EDEN—«Alma cigana».

POLITEAMA—«Joana de Paris».

GINASIO—«Fantasia branca».

PALACIO—«Madalena... zero em comporta-mento».

ODEON—«Madalena... zero em comportamen-to».

CAPITOLIO—«Fátima, terra de fé!».

OLIMPIA—«Cinco segredos».

TERRASSE—«O céu pode esperar».

LYS—«O céu pode esperar».

REX—«A vizinha do lado».

PROMOTORA—«O homem invisível contra a Gestapo».

JARDIM—«Dois Romeus sem Julieta».

SALÃO IDEAL.



DR. MIGUEL DE MACALHÃES

Monitor da clínica de Necker—Paris
RINS, vias urinárias—Venero—Sífilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, às 15 horas
Telefone 2 9062

A MAIS ALTA QUALIDADE

SCARF

PAPEIS QUÍMICOS



FITA PARA MÁQUINAS DE ESCRIVER

A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Distribuidores para Portugal: SCARF, LD.ª—Av. Almirante Reis, 256
STAND—Av. da Liberdade, 18, 4.º—LISBOA

EXITO

teatro * cinema * radio

Chaplin envelheceu!

Ao acabar de ver o ultimo filme de Chaplin, que foi, por sinal, a primeira celuloide anti-nazi fabricada, em Hollywood, tivemos sinceras saudades do velho camarada Chaplin, do Chaplin de antes da guerra. Achamo-lo envelhecido, embora afectando uns restos de mocidade inexistente, através de um sorriso falso e marcadamente profissional. Que diferença entre ele e esse moço flamante, que é o jovialissimo Bernard Shaw, que, como ninguém, tem sabido deixar o corpo envelhecer sozinho, permanecendo a alma numa eterna primavera! Mas não, Chaplin envelheceu por dentro e por fora, irremediavelmente...

Despido dos seus clássicos andrajos, que lhe davam a personalidade de verdadeiro «tramp», deixou de ser um palhaço universal, capaz de servir de modelo a todos os retratos sociais. Abandonou o seu ar de cavaleiro andante, armado de bengalinha torta e flexível, com aqueles sapatos cambados e róticos, que haviam antes calçado os pés dum gigante. Deixou de correr mundo como um D. Quixote esfarrapado, esgrimindo contra os molhos de vento e os rebanhos de carneiros, vingando agravos e punindo injustiças, não pelo prazer de lutas sangrentas, mas pela exposição dos ridiculos, defeitos e injustiças sociais. O diabo, porém, é que com o êxito das suas primeiras façanhas, foi-se tornando transcendente e filosófico, com uma intenção muito marcada de o ser. Diplomou-se genio por ele próprio. E o mundo começou a exigir dos seus filmes algo mais sério e mais denso do que a filosofia de Spinoza ou do que a doutrina esmagadora de Nietzsche...

Ao ver o seu ultimo filme, compreendemos como Chaplin tem subido e tem descido! Como tem prosperado e

como está decadente! Tivemos sinceras saudades do Charlie Chaplin de outrora, que a gente sabia ter sido comico de um «vaudeville» barato, que a gente sabia ter passado fome e ter sido explorado pelo Mac Sennett. Ah, velho Chaplin, a sua covardia perante o cinema sonoro é coisa que nunca lhe perdooresmos! Foi o maior sintoma da sua franqueza. Embatucou diante dele como um cavalo famoso, que se recusa a saltar a primeira sebe, numa importante corrida de obstáculos. Os outros saltaram e ele ficou a ganhar coragem, num salto-não-salto, salto-não-salto, imperdoavel. Quando se decidiu já os outros haviam percorrido a primeira milha. Por isso, hoje é um atrasado, um retardatário, um homem que perdeu a oportunidade. O seu argumento de «O Ditador» não pega. É uma covardia não falar inglês, um bom inglês, um inglês do velho Will e do novo Walpole. Ou as coisas terríveis e brilhantes, que o seu genio tem para dizer, não são tão terríveis e brilhantes e teme que a sua inteligência fique em xéque perante o julgamento do publico?

Que saudades do velho Chaplin que não tinha o cérebro espremido como um limão, do Chaplin que para nos fazer rir e sofrer não precisava de falar num «argot» que só ele entende e dentro do qual pode ser genio à vontade, de si para si!...

AUGUSTO FRAGA

★ ★ ★ ★ ★

Aqui têm um veterano e dois caloiros.

Claro que nos referimos ao cinema sonoro, evidentemente. São eles Barreto Pereira e Oscar Acúrcio e Eugénio Salvador. O primeiro é, sobejamente conhecido e apreciado pelo que dispensa apresentação. Os outros dois, também, não são desconhecidos. O publico atento, que vai ao cinema e começa logo a prestar atenção nas legendas, já deve ter decorado o nome de Oscar Acúrcio como um dos mais dedicados colaboradores técnicos do cinema português. Quanto a Eugénio Salvador, não será difícil ligar o nome à pessoa. Desportista e bailarino, não será ousadia dizer-se que é um artista excêntrico de grandes faculdades, por mais de uma vez manifestadas no palco. Basta, portanto, acrescentar que este veterano e estes dois caloiros aparecem, aqui, numa cena de «Cais do Sodré», filme actualmente em realização que traz para a tela a vida ribeirinha da nossa capital.



Hollywood nunca se esquece dos seus fieis admiradores, nesta quadra do Natal e ilumina toda a parte com os sorrisos luminosos das suas vedetas, unindo todos na alegria duma tradição milenar, comum a todos os povos civilizados. O Pai Natal e Santa Claus podem ter fugido, apavorados, pelos angustiosos dias dos ultimos anos. As renas e os alces e as cegonhas das lendas podem ter fugido das celuloides de Walt Disney. Mas Hollywood está sempre de sentinela. Sabe que um sorriso aberto de mulher vale como um raio de luz, capaz de fazer crepitar de entusiasmo a chama das lareiras e enfeitar de esperanças todas as chaminés...

A linguagem dos números

O português, em média, só vai ao cinema três vezes por ano, segundo se deduz do numero de habitantes e de numero de bilhetes vendidos em 1944, que foi 18.447.407, totalizando pouco mais de 71 milhões de escudos, dos quais há que deduzir vinte por cento de impostos para o Estado, Municipio e Policia.

Ray Milland jogador de xadrez

Ray Milland é o unico galá que pode rivalizar com Clark Gable. Daí ter sido acusado de ser insociavel, ter mau genio, e, até, de ter ulcera no estomago. Tudo injustamente. A verdade é que Ray se preocupa com pequenas cousas, desde as flores do seu jardim até os pneumáticos do seu automovel. No entanto, também sabe ser um agradável parceiro de «bridge» ou de dança. O seu êxito custou-lhe muitos fracassos. Durante cinco anos de tentativas era considerado um galá, como outro qualquer. De repente, sem que ninguém explique como, começou a tornar-se popular e actualmente conta com um sem numero de admiradores.

A sua vida é um verdadeiro romance. Fugiu de casa, ainda muito jovem, e num vapor cargueiro foi para as ilhas Channel. Tendo conseguido economizar 700 dolares, voltou a Londres, reuniu-se com outros rapazes da sua idade, que pertenciam à Guarda Real, e entusiasmou-se tanto pela vida que tinham os seus amigos que se alistou como soldado. Diz-se mesmo que ele chegou a ser oficial da Casa Real inglesa, mas Milland sempre o negou. Ali aprendeu «box», equitação e esgrima a pé e a cavalo.

Tendo herdado algum dinheiro, desligou-se do Exército e foi viajar pela Europa, voltando pouco tempo depois para Londres, apenas com 50 dolares. Gastou-os, oferecendo um lauto jantar a Estelle Brody, estrela do cinema inglês. Esta apresentou-o a um director, que lhe deu um papel de «extra».

O seu desporto predilecto é o «ski». Também gosta de montar a cavalo, caçar e jogar tenis. É um bom jogador de xadrez e passa horas disputando partidas com John Waine ou Charles Lederer. Os jornais espalharam, uma ocasião, que ele era um grande jogador de xadrez. Um amor de Viena, George Sleszczinski, desafiou-o para uma partida, por correio. Milland aceitou e já estavam, talvez, na metade da mesma, quando Hitler invadiu a Austria. Nunca mais teve noticias do seu competidor, mas conserva ainda o tabuleiro com as peças intactas. Diz que está á espera que o seu amigo de Viena faça o seu lance, pois era a vez dele...

PARIS

A célebre artista francesa Michele Morgan, regressou, há pouco, a Paris, vinda dos Estados Unidos, para onde partiu em 1940, tendo então passado por Lisboa. Fez quatro filmes em Hollywood, aproximadamente um por ano. Mas ainda fez mais: encontrou a felicidade, ao casar com William Marshall, um jovem comediante de talento, e tem um Miguel pequenino, de 14 meses. Marido e filho ficaram na sua casa de Beverley Hills, de estilo normando, que Michele mandou construir em homenagem á sua terra natal, que é Dieppe.

A conhecida artista entrou em «Joana de Paris», «Dois bilhetes para Londres», «Sempre mais alto», com Frank Sinatra, e «Passagem para Marselha», com Humphrey Bogart. O seu primeiro filme francês vai ser «Sinfonia pastoral», e terá Pierre Blanchard por «partenaire» e Jean Delannoy como encenador. Vai ser assim a pobre céguinha imaginada por André Gide.

PARIS

Simone Simon regressou também a França, abandonando Hollywood, onde permaneceu largo tempo. O primeiro filme que Simone vai fazer, em França, será dirigido pelo homem que a lançou: Marc Allégret. Trata-se de «Pétrus», tirado da peça de Marcel Achard. A conhecida artista contracenará com Fernandel.

VERONICA LAKE, MAMÃ...

Verónica Lake sofreu uma transfusão de sangue, segundo dizem de Hollywood. Acrescenta-se, porém, que o seu estado não inspira cuidado, uma vez que tal transfusão teve por fim, unicamente, prevenir o nascimento prematuro do bebé que ela espera. Talvez, mesmo, já tenha nascido, quando esta noticia fôr publicada...

UM ROMANCE MAGNIFICO AS TRÊS HERDEIRAS

por VASCO NOGUEIRA

Três destinos, estreitamente ligados um ao outro e que, por vezes, se digladiam dramaticamente. 260 páginas Esc. 10\$00

8 fotografuras
EM TODAS AS LIVRARIAS
EDIÇÃO ARGO LISBOA
Rua do Ferregial de Baixo, 31, 2.º Dt.

Niagara

É o brandy preferido pelos entendidos e apreciadores.



Em Java

a vida normaliza-se
debaixo de fogo...

BATAVIA, 24.—Na região de Batavia continua a actividade dos extremistas indonésios. Esta manhã, ficaram feridos cinco homens no subúrbio de Kramat, em consequência de um ataque a tropas aero-transportadas, que procediam a uma busca. As tropas aliadas fizeram 25 prisioneiros e apreenderam armas e munições. Parece, contudo, que a população indonésia vai perdendo o medo aos extremistas, pois reabriram os mercados em Batavia com grande afluência. Também muitos criados, que tinham abandonado as casas dos patrões, começaram a regressar ao serviço. Na cidade de Bandoeng, 160 quilómetros a sudeste de Batavia, as tropas «gurrkhas», procedendo a operações de limpeza no sector nordeste, fizeram 70 prisioneiros.

O Presidente da «República, Indonésia», Dr. Soekarno, e o Primeiro Ministro, Sutan Sjahrir, declararam hoje, depois do seu regresso de uma viagem de oito dias à zona central e oriental da ilha de Java, que se sentiam mais confiados do que nunca no apoio de todos os indonésios ao novo governo.—(R.).

As negociações entre as forças britânicas e os nacionalistas indonésios

BATAVIA, 24.—Soube-se hoje que o governo «republicano» indonésio se comprometeu a tomar a seu cargo e entregar aos Aliados todas as pessoas internadas na zona central e oriental de Java. Trata-se de alguns milhares de pessoas, não se sabendo o numero certo. O ministro das Informações, Amir Sjarifuddin, declarou aos correspondentes dos jornais estrangeiros, em Mahlang, há dois dias, que as negociações a esse respeito, entre as autoridades britânicas e o governo «republicano» sobre a evacuação realizaram-se em 12 de dezembro. Concordou-se em que o corpo de manutenção da paz garanta salvos condutos aos internados aliados e aos japoneses para as regiões indicadas pelas autoridades aliadas.—(R.).

Ação de bombardeiros da R. A. F.

BATAVIA, 24 — Sete bombardeiros ingleses atacaram, esta manhã, os locais onde estão concentrados os extremistas indonésios, que efectuam, durante a noite, assaltos a Batavia. Esta noite os extremistas atacaram uma patrulha indiana, constituída por 10 soldados, que foram todos massacrados depois de uma luta feroz, que durou duas horas. Durante o combate foram mortos 35 extremistas indonésios.

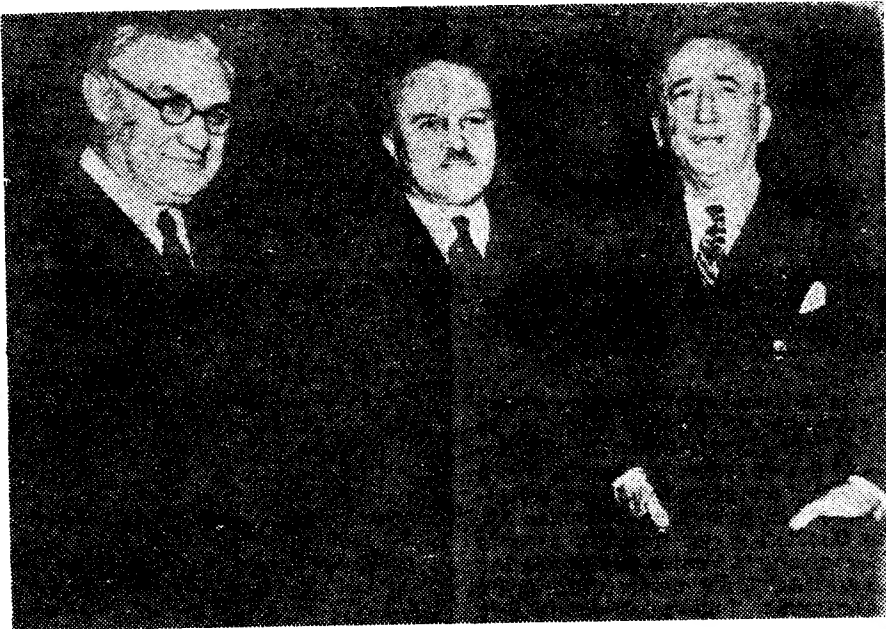
7 nativos enforcados

BATAVIA, 24 — As autoridades inglesas anunciam que foram hoje enforcados 7 extremistas que, no sábado, tomaram parte no assalto ao pequeno hospital de emergência, no bairro de Kramat, em Batavia.—(U. P.).



Para o Natal

Lindos objectos uteis, próprios para brindes. Grande variedade a preços módicos.
Papellaria Vasconcelos—R. da Prata, 271



Bevin, Molotov e Byrnes reunidos em Moscovo

Os três ministros dos Estrangeiros

agradeceram de mãos dadas
as saudações do publico
num teatro de Moscovo

MOSCOVO, 24.—O secretario de Estado dos Estados Unidos, James Byrnes, o embaixador americano, Averell Harriman, e o perito do Departamento de Estado de assuntos soviéticos, Charles Bohlen, passaram duas horas em conferencia com o generalissimo Estaline. Bohlen serviu de interprete. Não se comunicaram depois pormenores.

Byrnes seguiu de automovel do Kremlin para o teatro Bolshoi, onde foram assistir a um espectáculo de bailados. Molotov, Byrnes e Ernest Bevin foram recebidos com grandes aclamações quando apareceram, ontem à noite, no camarote de honra. O aplauso durou varios minutos, enquanto os ministros dos Estrangeiros, de mãos dadas agradeciam. Pareciam muito bem dispostos na sua primeira aparição em publico, juntos, em Moscovo. A orquestra tocou os hinos nacionais dos três países e o camarote estava ornamentado com as bandeiras dos Estados Unidos, União Soviética e Grã-Bretanha. Os ministros dos Estrangeiros viram a bailarina Lepeshenskaya num novo bailado de Prokofiev—«Cinderella».—(R.).

As conferencias com Estaline

MOSCOVO, 24 — James Byrnes, secretario de Estado norte-americano, antes da sua conferencia com Estaline, a segunda em oito dias, teve uma demorada conferencia telefonica com Truman, de quem recebeu instruções para se desempenhar de determinada e importante missão junto daquelle chefe soviético.

As conversações entre Byrnes e Estaline, na presença de Harriman e Molotov, foram caracteristicas, principalmente pela maneira franca e objectiva como foram discutidos todos os assuntos. Segundo a opinião dos circulos diplomaticos, a conferencia teve por objectivo principal discutir os assuntos que têm sido a causa de mal entendidos entre os Estados Unidos e a Russia.

Crê-se que, tanto Estaline como Byrnes, usaram, por vezes, de lingua-

gem dura, recriminando-se mutuamente pela falta de sinceridade em expor determinados problemas.

No final de conferencia, Byrnes mostrava-se satisfeito e chamou imediatamente alguns dos mais destacados elementos da sua comitiva, com os quais esteve reunido cerca de duas horas.—(U. P.).

O encontro de Molotov com um representante francês

MOSCOVO, 24.—Nos circulos politicos desta capital liga-se grande importancia á demorada conferencia de Molotov com Hervé Alphand, chefe da missão comercial francesa, durante a qual foram tratados assuntos da maior transcendência para ambos os países e foi abordada a questão do estabelecimento de uma administração central na Alemanha, que, como se sabe, tem sido energeticamente combatida pela França.

Alphand trata de persuadir Molotov a apoiar o ponto de vista do gabinete de Paris e parece ter conseguido já alguma coisa do commissário do Povo para os Assuntos Estrangeiros.—(U. P.).

ESPUMANTES NATURAIS

DAS



Prove e saberá...

que melhor não há

Pedidos: telefones 2 5498—4 6340—2 1397

GABARDINES

O MAIOR E MELHOR SORTIDO DO PAÍS

PREÇOS BARATÍSSIMOS

CASA INGLESA

EM LISBOA

RUA DE SANTA JUSTA, 95, 1.º
(Esquina da rua do Ouro)

NO PORTO

RUA DE SANTA CATARINA, 84
(Esquina da rua Passos Manuel)

Vão seguir

para a América
39 mil europeus

WASHINGTON, 24.—O presidente Truman anunciou um programa para entrar imediatamente em vigor, segundo o qual 39.000 europeus, que se encontram deslocados, na sua maior parte, nas zonas de ocupação americana, serão transferidos para os Estados Unidos em 1946. Truman declarou que a grave deslocação de populações na Europa, resultante da guerra, provocou um sofrimento humano que não pode nem deve ser ignorado pelo povo norte-americano. Prosseguindo, declarou que o mais difícil de resolver seria a questão de saber quem seriam aquelas pessoas a levar para os Estados Unidos, mas, em vista das facilidades consulares, pensava ser melhor e o mais aconselhável transferir os que se encontravam nas zonas ocupadas americanas. Disse ainda que estas pessoas virão na sua maior parte da Europa central e oriental e dos Balcãs, e principalmente, crianças orfãs.

Em seguida anunciou a formação de um comité interdepartamental para tratar do expediente do movimento imigratório. Este movimento imigratório, declarou, devia ser amplamente consentido pelo sistema de quotas, desde que não fôsse colidir com o transporte de tropas americanas de regresso aos Estados Unidos.—(U. P.).

O PROBLEMA DA PALESTINA

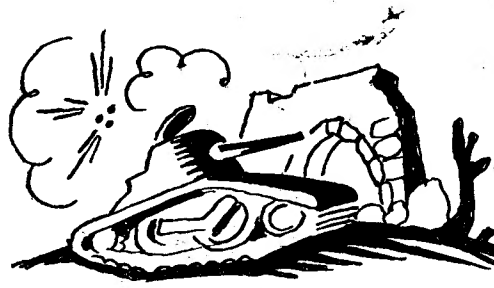
LONDRES, 24.—O correspondente em Nova York, do jornal conservador «Daily Telegraph» informa que Sumner Welles, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, declarou ontem que a Comissão Anglo-Americana para o inquérito da Palestina não pode obter qualquer êxito. O correspondente escreve: «Sumner Welles declarou que o problema não pode ser resolvido pelas conclusões duma comissão de representantes de quaisquer países. Welles acrescentou que os resultados duráveis e justos só podem ser conseguidos por uma resolução de todas as Nações Unidas, para que se obtenha uma solução rápida do problema».—(Reuter).



Mobílias Modernas Esmaltadas

Preços especiais de Fabricante
Fábrica de móveis C. LUC
Salões de Exposição e venda
240 - Av. da Liberdade - 240
Esq. da R. Alexandre Herculano

CONTO UCRANIANO



O sacrifício de Natacha

por Artur Portela



Toda a manhã se ouviu o ribombar surdo da artilharia. Parecia uma trovoadas seca de verão que a distância abafava. A aldeia ficara meio deserta, mas ainda havia gente na estrada, sobretudo, mulheres e crianças que, á pressa, emigravam para leste, sobre carros enormes, carregados de trouxas, móveis desmanchados, sacos de trigo que os cavalos, de patas largas e ressonantes, puxavam, vigorosamente, como se o nervosismo humano tivesse contagiado os animais.

Outros seguiam a pé, numa longa fila, os velhos e os animais de estábulo á frente, muito juntos á beirada do caminho, para que as colunas motorizadas, que vinham da base, tivessem espaço livre. Os tanques rolavam, pesados e compactos nas suas carapaças de aço, com uma bandeirola vermelha, as cupulas fechadas e o canhão lúcido, como focinho de lobo, apontado para o horizonte.

Estava uma manhã triste, de um cinzento de ardor. O ventre das nuvens como se pegava á terra, onde o trigo já fora cortado. Ao norte da aldeia, sobre um cabeço, denso de abetos, um bloco de artilharia varejava o inimigo. Golpes de luz dardejavam da espessura, e os fugitivos sentiam sobre as suas cabeças que, instintivamente vergavam, o sibilar das granadas que iam explodir na linha do rio, coberta de canaviais, que o invasor, desde a véspera, tentava passar em força.

Os camponeses olhavam, como uma luz que desaparece, para aquela terra que tinham semeado. Voltariam? Ficava ali o seu sangue que fecundara as menses loiras, renovadas como gerações humanas. Era a sua mãe sagrada pelo pão e o trabalho milenários. Um velho, trôpego, curvou-se, e, enterrando as mãos no solo húmido e avermelhado, arrancou

um punhado de terra. Sem que ninguém o visse, beijou-a, sentindo na boca o sabor ácido e vivo do húmus encharcado pelo orvalho da madrugada.

As casas brancas da aldeia já ficavam distantes na luz embaciada e suja da manhã. Os fugitivos iam acobruçados. As pegadas que ficavam na lama da estrada não tardariam em desaparecer, sob as chuvas do outono, apagando para sempre o caminho do regresso.

Potentes, resfolgantes, passavam os tanques, flanqueados de onde a onde pelo vôo rápido e rasante das motocicletas armadas, com os metralhadores vestidos de couro, semblante rígido, cruel, relesado pelo nervosismo da luta próxima e do frio com que o vento lhes chicoteava as carnes. O resto seguia invisível! Não se via um homem! Mais lentos ou mais rápidos, os paquidermes de aço, densos de fogo concentrado, avançavam na estrada, como uma serpe acinzentada e nua no seu temeroso mecanismo.

E nem um grito, uma saudação, um farrapo de cantiga, esvoaçando ao vento, que brotasse de um daqueles carros de camponeses, tão pesados e vagarosos. Havia naquela caudalosa massa humana uma resignação triste. A guerra chegara!

Na aldeia, a uniformidade das fachadas desertas e cerradas parecia um absurdo. Viam-se ainda, nos patios das granjas, na sua fragil construção, as grandes medas doiradas de trigo, que não houbera tempo de incendiar. Uma ou outra sombra humana vagueava na incerteza de ficar ou de fugir. Talvez a linha de fogo resistisse. Eram os irresolutos, os que não sabiam até onde chegava aquela imensa estrada, bordada de platanos, que já tinha visto passar as tropas do Corso, num torvelinho desgredado de fuga.

De resto, para esses, a casa tinha qualquer coisa de sagrado, de inviolável. Das suas paredes silenciosas, segregava-se uma doce ternura humana, que os retinha, misteriosamente, no instante irrevogável da partida.

E não chegaria a guerra ainda mais longe? Tudo, então, seria inútil.

Quando a coluna motorizada atravessou a aldeia, já o inimigo tinha vadeado o rio. O fogo agora era mais intenso. Grandes relâmpagos abrasavam o solo, e as granadas, estremecendo, caíam, quais aerólitos, no meio do rescaldo da estepe, abrindo fundas crateras. Além divisavam-se, em semicírculo, pequenos pontos negros movediços. Eram os blindados do inimigo sobre os quais a artilharia emboscada na colina atirava, numa cortina rolante de fogo. Mas, apesar disso, os monstros de aço progrediam sempre, as cremalheiras cravando-se bem firmes no terreno.

Quando duas granadas caíram na aldeia, foi o pânico. Os últimos habitantes fugiram á curta mão até ao cabeço sobranceiro, a esconderem-se nas sombras da floresta. Outras explosões violentas se seguiram. Uma granada isolada ardia com uma fumaça negra e espessa. A divisão blindada atravessou a única rua do povoado, num relâmpago. Nas antenas dos monstros de aço sucediam-se as ordens:

—Plano D.

—Dispersar! Trinta metros de distância!

—Abordar, se fôr possível!

Fora da aldeia o comboio disseminou-se, correndo os três quilómetros que ainda lhe faltavam para tomar contacto com o inimigo. Era preciso evitar que este atacasse de longe. Impunha-se aos defensores combater bem de perto, equilibrando assim a fraca tonelagem dos seus engenhos.

Avançavam também em leque para logo; sucessivamente, este e aquele cortar em diagonal o terreno, não cessando de vomitar metralha.

Átrás daquela muralha de ferro, movel, fluante, a infantaria lançou-se. Eram rapazes de dezoito anos, que faziam a guerra pela primeira vez. Subitamente, a vida deixara de lhes pesar. Nos seus músculos, a energia da juventude transfundia-se em heroísmo. Nem eles sabiam o que isso era. Corriam sobre o ventre da terra mater, e isso dava-lhes um alento sobrehumano, como se dela nascessem outra vez.

Dois homens haviam-se atardado, e dobrados, mesmo correndo, um deles repartiu o seu pão com o camarada. Seguravam-no com os dentes, sem o comer, regados daquele sabor acre e fresco que, como um aroma, lhes chegava ás narinas.

—Petrovitch, além, á direita!

—Vamos a eles!

Era um ninho de metralhadoras que ceifava a vaga de assalto pelo peito. Rareavam já mais os homens, caídos, espalhados pelo campo imenso, enquanto os mastodontes couraçados do inimigo, de torres oscilantes, rebentavam os pequenos e velozes blindados. Mas alguns dos primeiros, sob o deflagrar das minas, empinavam quasi verticalmente o dorso, tatuado pela cruz negra, caindo depois de flanco, os rodados a girar infinitamente, numa explosão brutal de fogo. Outros ardiam, em chapas curvas e alaranjadas, até que uma mais viva penetrasse na torre, fazendo explodir as granadas. Então, as chapas entrecabiam-se, retorciam-se, vomitando as suas entranhas metálicas abrasadas.

Petrovitch e Selikhow, com o naco de pão entre os dentes, arrojaram-se para o reduto das metralhadoras. Ficava a cem metros. Avançaram, regando o caminho com granadas de mão,

em grandes saltos. Mas a violência da corrida empolgou-os. Descobriram-se, e a morte chegou perfeita, telegráfica, em dois silvos agudos de que os tímpanos de ambos sentiram o alívio antes de serem atingidos.

No meio dos caules cortados do trigo, ficaram dormindo, como crianças, indiferentes ao resto da batalha. Sorriam ainda, com o pão entre os dentes alvos, agora manchado de um sangue muito fresco de uma cor de rubi.

Ás duas horas da tarde o invasor ocupava a aldeia. Primeiro entraram os tanques, de cupulas abertas, donde emergiam rostos suados, enegrecidos de óleo, e olhos azuleiros, friamente cruéis, que cintilavam como o aço pulido. Fizebam ainda alguns tiros, cegando as últimas vidraças das janelas. Seguiu-se depois a soldadesca, mancha interminável de *feldegrau*, arrogante e maciça, martelando, rijamente, os tacões no asfalto e, por fim, em automóveis, os oficiais, de maxilas cerradas, imóveis como figuras de cera, para quem o episódio da manhã não valia sequer uma citação no comunicado de guerra. Os aviões só, então, apareceram, inutilmente, como abutres negros, pairando no espaço, antes de se lançar na carnagem.

Tudo aquilo passava sem se deter na aldeia em ruínas. Um entulho grosso, donde irrompiam vigas, restos de madeira fumegante e tabiques despedaçados, desagregava-se em abatimentos contínuos, entre montões de pedra e uma avermelhada calça da picadura do tejo.

Para os invasores, o cenário era igual a tantos. Banalmente morto—e nem sequer interessante. Vulgar naquele avanço perfurante para o interior. Mas havia ainda algumas casas de pé, no meio daquele terrível *«smo»*—figuras geométricas de pedra com a sua arquitectura normal.

Os soldados rapidamente inventariavam-nas, arremessando depois para dentro, á ponta da baioneta, volumosos feixes de palha a arder. As chamas saltavam pelas janelas, subindo para os telhados, cortinados incandescentes trapejando ao vento, enquanto em baixo, o sinistro, despejando cataratas de fogo, inundava tudo, levando á frente, como que boiando, os madeiramentos, que estavam como ossos, até ao desmoronamento completo das edificações.

Um sargento que andava na faina da destruição parou surpreendido á entrada de um desconjuntado casebre de madeira, um dos últimos do povoado. Tudo estava como se a guerra não tivesse chegado ali, numa ordem doméstica inabalável.

Uma velha, mumia pergaminhada, de desconforme gordura, fazia tranquilamente o chá num samovar fumegante.

Quando o invasor transpôs o limiar da isba, a mulher não fez um gesto de surpresa. Como que esperava. Nas rugas da face espalhava-se-lhe uma luz sorridente. Sacudiu a cabeça, amarrada por um lenço, e pronunciou:

—Natacha!

A velha indicou-lhe o chá. O soldado bebeu-o, ávidamente, e depois por gestos deu-lhe a entender que tinha de abandonar a casa. Ela assim fez, metendo num pequeno cesto de vime duas negras bróas de semente ucraniana e uma róta e enxovalhada manta de lã.

Resignadamente, sem se voltar para trás, e seguida pela baioneta do invasor, pôs-se a caminho. Nem sequer reparava que o povoado desaparecera.

O achado da mulher foi uma alegre surpresa para os soldados. Natacha era o único ser vivo que restava naquele montão de destroços. Caminhava devagar, o rosto iluminado por uma expressão de bonomia, sorrindo para todos, e sempre agarrada ao cesto, onde guardava toda a sua fortuna.

Parecia que tudo lhe era indiferente. Vivera já três quartos de século, e mirara bem o mundo do canto da sua isba, onde nascera no mesmo ano em que haviam plantado, na praça, os platanos que pareciam agora gigantes. Eles enloireciam, e ela embafunçava ás neves do inverno e ao sol tépido da primavera, alimentando-se da mesma luz e do mesmo vento.

A presença de Natacha constituiu uma gro-

tesca dificuldade para os invasores, naquele lugar arrasado que, praticamente, desaparecera da carta geográfica do imenso país.

O melhor seria evacua-la para a retaguarda. E assim se fez! Dois soldados atravessaram com ela o campo de batalha, semeado de munições e de mortos. Natacha parecia não dar por nada. Deixou-os mesmo adiantarem-se para observar os cadáveres de dois camaradas, atravessados de brucos, num charco que o sangue derramado irrisara de reflexos avermelhados. Talvez a morte os surpreendesse ali a beber, e aquele gesto simples e trivial como que os tocava de uma ardente humanidade, tão diferente da guerra que faziam.

Obesa e trôpega, a velha marchava, lentamente, pelo terreno devastado. A certa altura pareceu tropeçar, e, vivamente, por duas vezes, apañou qualquer coisa do chão que logo deitou no cesto, continuando a andar.

Os guardas tinham-na alcançado e, cautelosamente, apontavam-lhe as granadas de mão, por ali a esmo, e os buracos das minas, ainda quentes do febrilamento, recendo uma impudência fatal. Natacha, como não entendia aquela linguagem barbara e gutural, sorria-lhes a miude, e eles também, amistosamente, num divertimento fácil de rapazes ébrios de vida.

O poso militar estava instalado na estação do caminho de ferro. Os soldados entregaram solenemente Natacha ao primeiro agalado que lhes apareceu, e ela ficou para ali no meio das idas e vindas dos militares, como uma mercadoria a que tivesse caído o rotulo do destino. Durante dois dias, comeu o negro rolão ucraniano, respondendo, invariavelmente, aos que a interrogavam:

—Natacha! Natacha!

No terceiro dia, entrou na «gare» um comboio enorme, com carruagens de luxo, a cujas portinholas, os oficiais se debruçavam, trocando impressões ruidosas com os colegas do posto. Era tropa que regressava dos Balcãs. Nos vagões da cauda, os soldados cantavam a plenos pulmões, um hino de guerra.

Foi, então, que Natacha conheceu um novo destino. O comandante do posto já estava farto de ver, rolando sobre os bancos da estação, aquela velha grotesca, rotunda como uma pipa, que só sabia sorrir e responder com o nome ás chufas da soldadesca.

Meteram-na, á falta de melhor, na plataforma da locomotiva, volume perdido entre dois apeadeiros. Içaram-no, dificilmente, e ela, sempre agarrada ao cestinho, acocorou-se em frenalha fomalha esbraseada. O maquinista olhava, furiosamente, aquele montão de trapos e de gordura. Ouvir-se o sinal da partida. Um jacto de vapor, num silvo agudo, envolveu o cabeçote da locomotiva.

No cais, os oficiais uniram os calcanhares e, levantando o braço, gritaram:

—Auf wiedersehen!

E o comboio partiu, ganhando velocidade, marcha livre nos «rails» lusídios, rasgando o crepúsculo que encharcava de nevoa a terra sem fim.

A guela rubra, chamejante, tornava suportável a Natacha aquele incomodo lugar. A noite caía rápida, densa, sem uma luz na terra, nem uma estrela no céu, através da estepe desértica. Era monotono aquele ranger do ferro na via; o resfolgar do vapor, nas entranhas torturadas da máquina; o zumbir frio do vento que, constantemente, dispersava o bafio ardente do fogo, alimentado ao máximo.

Natacha destapou o cesto, já vazio de pão, como que a procurar a manta róta e enxovalhada, para se resguardar da frialdade nocturna.

Então, num supremo impulso, enclavinando os dedos, agarrou as duas granadas que apanhara no campo de batalha, e, de pé, o corpo a oscilar, na vertigem do comboio, lançou-as á fomalha incandescente, num gesto brusco, decisivo.

Entre os destroços fumegantes do comboio, Natacha, abraçada á terra negra, sorria sempre.

A morte nada lhe roubara, senão a vida-

ESPELHO CONCAVO

TRISTE BALANÇO

Surtem agora com frequência, nos jornais, cálculos e números que pretendem dar a visão exacta do que foi, em consumo de vidas, em prejuízo e destruições esta última guerra.

O balanço de cada guerra que termina é sempre, em perdas e ruínas, tanto para vencedores como para vencidos, pior que o da anterior. Mas a revelação destes números, que ficam, decerto, muito aquém da realidade, parece não impressionar grandemente as multidões, já preparadas e habituadas ao pior.

Notícia recente de origem inglesa, para demonstrar o montante dos tremendos encargos que a guerra trouxe ao país, revelava que a cada criança que de futuro nascesse em Inglaterra corresponderia uma divida de 400 libras.

A humanidade, que está sempre a pensar no futuro, na herança a deixar aos que hão de vir, na defesa das novas gerações, por tais meios, afinal, o pretende realizar, que é este o belo futuro que se arranja para cada um dos que hão-de nascer...

Felizmente, que ninguém pode ser prevido com antecedência, porque, se assim fôsse, poucos seriam, de certo, os que se atreveriam com tais encargos a ingressar neste vale, cada vez mais inundado de lágrimas. E o caso não era para menos. Já o fazer a sua entrada num mundo hostil, sem recursos para principiar o modo de vida sempre incerto e duvidoso, não é nada tentador. Mas, ainda por cima, com tremendos encargos que não se contraiam e para que em nada se concorreu, é caso para se fugir logo de semelhante existência a sete pés!

A humanidade, nos seus eternos conflitos, está, afinal, a desacreditar cada vez mais a vida, criando-lhe perspectivas que a tornam indesejável.

Está mais, que provado e demonstrado que das guerras e da resolução das divergências entre os povos, por meios violentos, nunca resultou o melhor, que só um entendimento geral, claro e franco, pode trazer.

Mas a lição, a dura lição, de nada serve. Porque, mal acaba uma guerra, parece que fica logo o fermento de uma outra, um desejo mal disfarçado de recommear.

Pelo menos, não se vêem atitudes, resoluções e propósitos que possam levar os homens e as nações pelo caminho da paz.

AUGUSTO CUNHA

A L M A

Sono una sfinge in un deserto ardente
che sfida il tempo ne l'immensità...
L'occhio dubitator mi sembra assente
perduto in altra vita e in altra età.

Corrono duri i giorni lentamente
al ol che non conosce la pietà.
Un silenzio di morte qui presente
regna in angustia ed in solennità.

Lungi sì fonde vassata terra
in un piano nostalgico, sbiadito,
ne la luce del fastro che l'infiamma;

e l'anima, che il fisico mi serra,
desiderante gloria di infinito
è un segno eterno su la terra in fiamma.

ARMINDA GONÇALVES

(Tradução do Dr. Abner Petrone)

Companhia Colonial de Navegação

PARA:

Filadélfia
Sairão brevemente
VAPOR

Malange

e em 27 do corrente o
VAPOR

Luango

PAQUETE

Guiné

sairá em 29 do corren-
te, para:

S. Vicente, Praia e Bissau
com escala pelo
FUNCHAL

As passagens para o Funchal
só serão atendidas depois de
satisfeitos os pedidos para a
Africa.

VAPOR

Pungue

com escala por Leixões
Sairá na 1.ª quinzena de Ja-
neiro, para:

**S. Tomé, Ponta Negra,
Matadi (se convier), Luan-
da, Porto Amboim, Lobito
e Mossamedes.**

LISBOA—Rua do Instituto Virgílio Machado, 14
Telefone 2 0058

PORTO—Rua do Infante D. Henrique, 9
Telefone 2342

SHEFFIELD HOUSE

CASA ESPECIALIZADA EM CUTELARIA FINA

Sortido completo de artigos para barbeiro,
cabeleireiro e manicure—Grandioso sor-
tido de tesouras para todos os usos

Canivetes de Rodger e outras marcas

INTRODUTOR E VENDEDOR EM PORTUGAL

há 30 anos das afamadas nava-
lhas de barba suecas

«C. V. HELJESTRAND»

Manoel António Fernandes (Herdeira)

26, R. Garrett—Lisboa—Telef. 2 8824

« A IDEALISTA »

DE

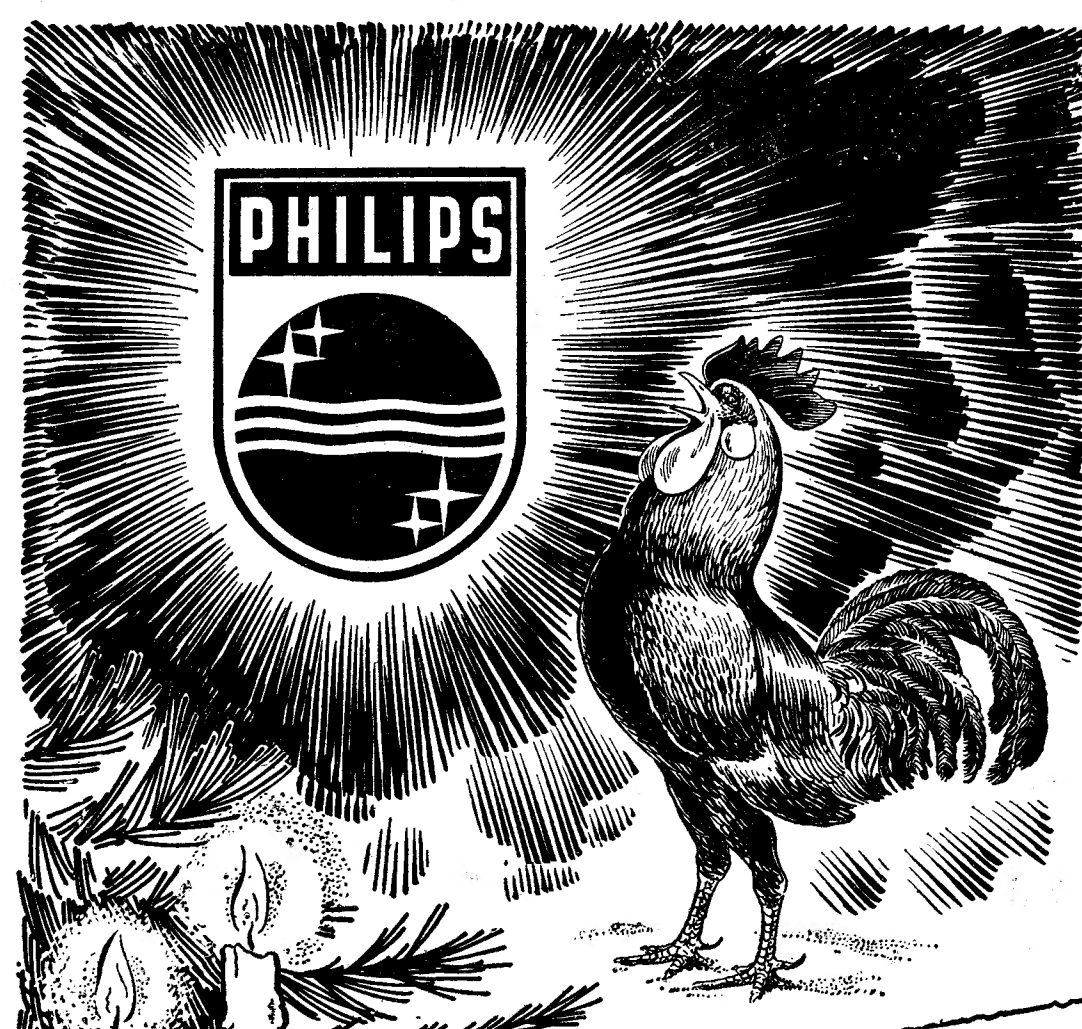
João António Barbosa

Telefone 6 2991

Rua Ferreira Borges, 70 a 78
LISBOA

Deseja aos seus Ex.^{mos} clien-
tes e amigos Boas Festas e
um novo ano próspero.

O «Diário de Lisboa», vende-se na
Casa Mourisca.



PHILIPS

*Philips Portuguesa, S.A.R.L.
deseja a todos os seus Amigos
e Clientes, Festas Felizes.*

EXTINTORES de tetracloreto de carbono

TETCO

(AMERICANOS)

Chegou a primeira remessa!

Pelas suas dimensões, eficácia e simplicidade
de manejo, são os mais indicados para: RESI-
DÊNCIAS, ESCRITÓRIOS, CONSULTÓRIOS,
LABORATÓRIOS, AUTOMÓVEIS, GARAGENS,
EMBARCAÇÕES, etc.

MODELO JUNIOR—Esc. 75\$00

(125 m/mx68 m/m—Kg. 0,500)

MODELO STANDARD—Esc. 100\$00

(203 m/mx76 m/m—Kg. 0,907)

ENVIA-SE A COBRANÇA

Distribuidores gerais em Portugal e Ilhas
Adjacentes:

Sociedade Comercial Polleri, L. da

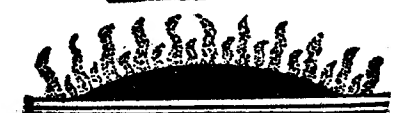
Esc.: R. Andrade, 63, r/c.—Estab.: R. dos Anjos, 18-A
18-B—P. B. X. 4 5835—Lisboa—End. Tel. «Polleri»

No PORTO: Rua da Torrinha, n.º 34, 1.º—Telefone 182



Não hesite! Peça sempre
o delicioso

CHÁ CELESTE



A' venda em todos os estabelecimentos

Ch. Lorilleux & C.^a

A. M. R.

Prefiram sempre Conservas TENORIO

ATUM TENORIO

á venda nos bons estabelecimentos



RECAUCHUTAGEM
RECHAPAGEM
VULCANIZAÇÕES

AGENTES OFICIAIS DA
RECAUCHUTAGEM CAMÕES, LD.^a

VARANGA & QUEIROZ

REPRESENTAÇÕES

OLEOS, PNEUS, AUTOMOVEIS, ACESSÓRIOS, T. S. F.

*Cumprimentam os seus Ex.^{mos}
clientes e amigos desejando-lhes
Festas Felizes e um bom Ano
Novo.*

Av. António Augusto de Aguiar, 7-A
LISBOA

End. Teleg. VAROZ

METAIS
distendidos

«Espinbela»
«Espinhaço»
«Diamantes»
«Gradil»
«Espinbela GZ»
«Gradil GZ»

Para tetos, tabiques, vedações, ci-
mento armado, estuques, etc.

TINTAS
diversas

«Walpamur»
«Muromatte»
«Duradio»
«Truseal»
«Yeoman»
«Imstone»

Para todos os fins. Origem inglesa.
Embalagem de origem

Agente depositario

CASA LINO

Tef. 2 1374 21375
P. B. X.

R. Bacalhoeiros, 113—LISBOA

Teleg. Onij*
LISBOA

Pancada, Moraes & C.^a

BANQUEIROS

Tôdas as operações bancárias
Depósitos á ordem e a prazo
Câmbios e Papéis de Crédito

37, RUA AUGUSTA

Telef. 2 627516 -- Estado 37

Empresa Anglo-Portuguesa de Madeiras, Limitada

**Toros para minas — Postes telegráficos — Exportadores de Madeiras
— Madeiras para construção — Travessas para Caminhos de Ferro
— Caixas para embalagens**

Sede em Lisboa — Portugal

Rua de S. Julião, 190, 1.º, E.

Telefones { 23779
22202

Telegramas «MADEIRAS»

Empresa Insulana de Navegação

Carreiras regulares entre:

Lisboa, Madeira e Açores

Saídas em 8 de cada mês para:

Madeira, Santa-Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa-Cruz), S. Jorge (Calheta), Pico (Lages) e Faial.

Em 23 de cada mês para:

Madeira, Santa-Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Pico (Cais), Faial, Corvo e Flores (Lagens e Santa-Cruz).

AGENTES EM LISBOA:

Germano Serrão Arnaud

Carga e passagens de 3.ª classe: || Passagens de 1.ª e 2.ª classes:

Avenida 24 de Julho, 2, 2.º

Telefone 20214

Rua Augusta, 152

Telefone 20216

NO PORTO

J. T. Pinto de Vasconcelos, L.ª

NA MADEIRA

Blandy, Brothers & C.º, Ltd.

EM PONTA DELGADA

Bensaúde & C.ª, Limitada

Secção de Tipografia, Encadernação e Pautação—Trabalhos
simples e de luxo

PAPELARIA CAMÕES

de AUGUSTO RODRIGUES & ERITO, LD.ª

Tintas de óleo, aguarela e desenho das marcas: Lefranc, Winsor, Pelikan e Schmincke

42 — Praça Luiz de Camões — 43

Telef. 2 3963

LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS

SAGRES

Sede em Lisboa—R. do Ouro, 181

(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

Sinistros pagos até 31-12-944

Esc.: 36.090.721\$65

AGENTES EM TODO O PAÍS

Efectua seguros de «INCÊNDIO», «MARÍTIMOS E GUERRA», «AUTOMÓVEIS», «AGRICOLAS», «ACIDENTES DE TRABALHO», «ACIDENTES PESSOAIS» e de «VIDA» em todas as modalidades.

A Companhia fornece todos os esclarecimentos a quem os pedir, mandando a casa de quem o solicitar, e sem encargo algum, empregado competente que dará todas as informações.

Aceitam-se agentes e angariadores que dêem referências

PREFIRAM SEMPRE

Collares

V. S.

VISCONDE DE SALREU

D. J. SILVA, L.ª

T. 47154—33-R. Rodrigues Sampaio-35—LISBOA

DOMINGUEZ & LAVADINHO, LD.ª

PAPELARIAS
nacionais e es-
trangeiras

TINTAS DE
ESCREVER
nacionais e es-
trangeiras



FABRICA de
sobrescritos,
manipulação
de papeis de
escrever e sa-
cos de papel

**PAPEIS QUIMI-
COS**, lapis, artigos
de escritorio e de
desenho

SEDE: Rua da Assunção, 79 a 85 e Rua dos Sapateiros, 135 a 143

TELEFONES: 2 5201/02

FABRICA: Av. Casal Ribeiro, 18 a 24—LISBOA

FÁBRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GÊNEROS

CHAPAS ESMALTADAS-SELOS EM BRANCO-SINETES PARA LACRAR

E. E. de Sousa & Silva, L.ª

Casa fundada em 1819—Telefone 2 7915

GRAVURAS EM TODOS OS GÊNEROS

DATADORES E NUMERADORES, EMBLEMAS PARA SPORT, ETC.

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO E DE NOVIDADE

BORDADOS DA MADEIRA

157-159, Rua do Ouro—LISBOA

PRODUTOS DE BELEZA

Marca «SALOME'»

— OS MAIS PUROS E MAIS PERFEITOS —
SABONETE «SALOME'»

Neutro, finíssimo e de grande rendimento, discretamente perfumado com a essência da flor da Acácia Mimosa. Cada 4\$50.

FARMACIA LIBERAL

Avenida da Liberdade, 213 a 221 (esquina da Rua Rosa Araújo)—LISBOA
Telef. 4 3641

J. Gomes dos Santos, L.^{da}

ALFAIATES — MERCADORES

LISBOA — Telefone 2 3812

P. dos Restauradores, 69-70-71

Deseja aos seus Ex.^{mos} clientes e amigos Boas Festas e um novo ano próspero.

Hotel Internacional

— RUA DA BETESGA, N.º 75 —

*Deseja aos seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos
Boas Festas e um Novo Ano próspero.*

D. J. SILVA, LTD.

Vinhos de Colares V. S. (Visconde de Salreu)
33, RUA RODRIGUES SAMPAIO, 35

Desejam Boas Festas a todos os seus estimados clientes e amigos e um Novo Ano repleto de prosperidades.

CASA HIPOLITO

TORRES VEDRAS
(FUNDADA EM 1900)



Aos seus amigos e clientes apresenta
os seus cumprimentos de Boas Festas
e feliz ANO NOVO

A Mariazinha

*Sauda todos os seus dignos clientes e amigos,
fazendo votos sinceros para que gozem
festas felizes e para que o novo ano lhes tra-
ga saúde, dinheiro... e gosto de viver.*

Calé e Chá

R. Barros Queiroz, 26 e 28



Os proprietários do Mercado de Peles e Malas

286—Rua dos Fanqueiros—286

Cumprimentam os seus Ex.^{mos} clientes e amigos desejando-lhes muito Boas Festas e um novo Ano muito próspero.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO REUNIDOS, L.^{da}

*Cumprimentam os seus Ex.^{mos}
clientes e amigos desejando-lhes
Boas Festas e feliz Ano Novo.*

SEDE

Calçada do Combro, 11-13

Telef. 2 8966

LISBOA

J. V. Feijó, Limitada

Ourivesaria e Relojoaria

Desejam festas muito felizes aos seus Ex.^{mos} clientes e amigos e um novo ano muito próspero.

Rua da Prata, 299 a 303

Rua da Betesga, 51 a 55

(Em frente da Praça da Figueira)

TELEFONE 2 1896

— LISBOA

A União

Fábrica de Espelhos de
ANTÓNIO DA SILVA DORES,
LIMITADA

R. Luz Soriano, 23-A

*Desejam aos seus Ex.^{mos} Clientes e Ami-
gos boas festas e um novo ano próspero.*

Telefone 2 1359

António Portado dos Santos Aires & C.^a

Estabelecimento de Ferragens na-
cionais e estrangeiras, —130, 131,
RUA DA BOA VISTA, 148, 150 e 154

*Desejam boas festas um ano muito
próspero aos seus Ex.^{mos} fregueses.*

Sapataria Contente

Calçado de Luxo

74—Rua do Carmo—74

98—Rua de Santa Justa—122

*Cumprimentam os seus Ex.^{mos} clientes,
desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo
de muitas prosperidades.*

A GERENCIA DA

Confeitaria Aurea

260—RUA DO OURO—264

*Cumprimenta a sua Ex.^{ma} Clientela, de-
sejando-lhe boas festas e ano feliz.*

Santos Catila, Limitada

Ourivesaria-Joalharia

Rua Eugénio dos Santos, 44

*Desejam a todos os seus Ex.^{mos} fregue-
ses e amigos festas felizes e um ano de
prosperidades.*

A Aurea do Parque, L.^{da}

RUA RODRIGO DA FONSECA, 121

Mercearia — Pastelaria
Charcuterie — Droguaria

*Deseja aos seus Ex.^{mos} clientes
e amigos Boas Festas e feliz Ano
Novo.*

Pastelaria MARQUES

*Desejam um novo ano próspero aos seus
Ex.^{mos} clientes e amigos. Recomendam o
jantar do dia 1 de janeiro de 1946.*

T. 2 8155

Casa Anão

PELES E CONFECÇÕES

R. dos Fanqueiros, 376, 2.º

*Desejam as boas festas aos seus Ex.^{mos}
fregueses e um novo ano feliz.*

Lanifícios de Coimbra, Lda. Matos e Mendes

Telefone 2 3738

*Deseja muito Boas Festas e um ano feliz
a todos os seus Ex.^{mos} fregueses e amigos.*

Rua dos Fanqueiros, 240-242

na mesma rua, 215

«Au Bon Marché»

ARTIGOS DE NOVIDADE

45—Rua da Assunção—47

*Deseja aos seus Ex.^{mos} Clientes e ami-
gos B. F. e um Novo Ano muito feliz.*

Custódio Cardoso Pereira & C.^a

Rua do Carmo, 9 a 13

— LISBOA —

*Cumprimenta os seus Ex.^{mos} Clientes e
Amigos, enviando-lhes Boas Festas e votos
dum Novo Ano muito próspero.*

Pastelaria

Benard

MANUEL JOSÉ DE CARVALHO,
LIMITADA

*Desejam um novo ano próspero aos seus
Ex.^{mos} clientes e amigos. Recomendam o
jantar do dia 1 de Janeiro de 1945.*

A Gerencia de

ERIL, LIMITADA

deseja a todos os seus clientes e amigos Natal Feliz e Ano Próspero.

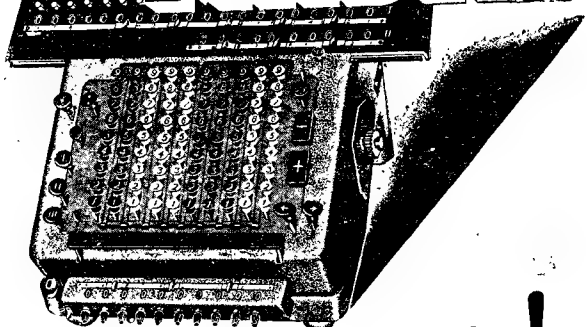
M. SIMÕES JR.

cumprimenta os seus clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero

NÃO SEJA ESCRAVO DOS NÚMEROS!



As máquinas de calcular
MADAS



LIBERTÁ-LO-HÃO!

FACILITARÃO O VOSSO TRABALHO E O DOS VOSSOS EMPREGADOS

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR. - RUA DA CONCEIÇÃO, 46, 1.º - TELEFONE 21672 - LISBOA
NORTE: ARAÚJO & SOBRINHO, Sucrs. LARGO DE S. DOMINGOS, 50 - PORTO

A melhor máquina de escrever portátil do mundo!

Fabricação suíça de alta precisão.

Prática, elegante, eficiente e barata.

Silenciosa e fácil de manejar.

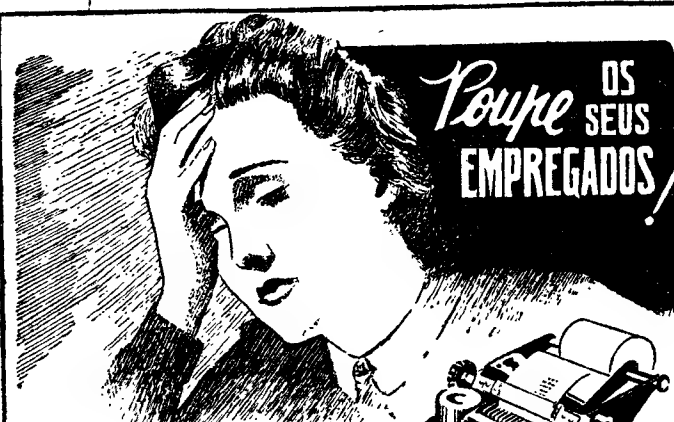
Veja-a hoje mesmo e experimente-a!



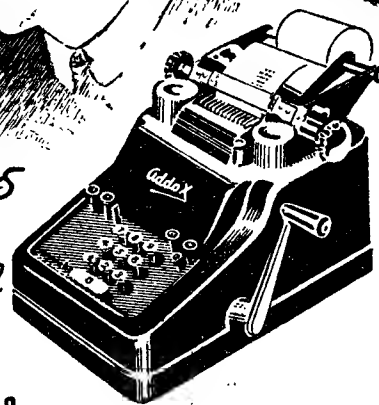
HERMES Baby

DISTRIBUIDORES:

Sul: M. Simões Jr.
Rua da Conceição, 46, 1.º, Lisboa.
Norte: Araujo & Sobrinho Suc.
Largo S. Domingos, 50, Porto



Facilite os vossos serviços de
CONTABILIDADE



Se V. Ex.ª ainda não possui no vosso escritório uma máquina de somar, *não pode avaliar* as enormes vantagens que a mesma poderia trazer à vossa organização comercial.

Permita que lhe demonstremos sem qualquer compromisso, no vosso próprio escritório, com o vosso próprio pessoal, quão grandemente o vosso trabalho pode ser facilitado com uma máquina de somar.

Máquinas **ADDO**

a maravilha da indústria sueca

AGENTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL:

M. SIMÕES JUNIOR - RUA DA CONCEIÇÃO, 46, 1.º LISBOA - TELEF. 21672
AGENTES NO NORTE: ARAÚJO & SOBRINHO, Sucrs. LARGO DE S. DOMINGOS, 50 - PORTO

Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África

Carreiras para os Estados Unidos da América

SEDE

Rua do Comércio, 85

Lisboa

SUCURSAL

R. Infante D. Henrique, 73

Porto

Agências em todos os portos africanos e nos principais portos do Mundo

António Veiga

(CONSTRUTOR CIVIL DIPLOMADO PELO I. I. L.)

Empreiteiro das obras de:

Construção do Viaduto de Vila Meã—Construção do Viaduto do Tamega—Construção do Bairro da Quinta das Furnas e ampliação do da Boa Vista—Construção do arruamento entre a Alameda D. Afonso Henriques e a via férrea—2.ª fase—.

ESCRITÓRIO: Praça dos Restauradores, 13, 3.º

Telefone 2 7845

RESIDÊNCIA: Rua Visconde de Seabra, 6

Telefone 5 2992

Parceria Geral de Pescarias

Armadora de Navios para a Pesca do Bacalhau

Fundada em 1891

LUGRES MOTORES:

**Argus—Creoula
Hortense—Gazela 1.º**

Sede e Secadouros: Azinheira Velha

BARREIRO—PORTUGAL

Bernardo Manuel

—COM—

Serralharia mecânica e civil. Caldeiraria de ferro e cobre. Fundição de metais e soldaduras a oxi-acetilene e electricas

Construções e Reparações

—DE—

NAVIOS—MAQUINAS—MOVIMENTOS—CALDEIRAS
—TANQUES—COBERTURAS METÁLICAS, ETC., ETC.

RUA DA COZINHA ECONOMICA, 16 a 28

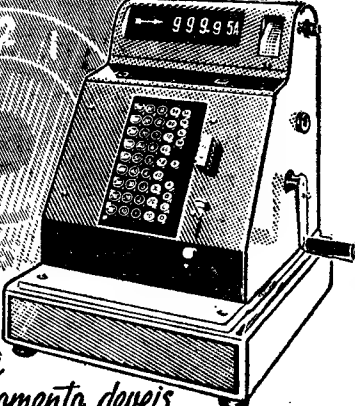
Telefone 81-322

ALCANTARA—LISBOA

Agência Comercial Sueca, Limitada

Distribuidores em Portugal de máquinas suecas de alta qualidade
apresenta a todos os seus Clientes e Amigos
cumprimentos de Boas Festas e desejos de um Novo Ano muito feliz

Srs. COMERCIANTES



A qualquer hora... e a qualquer momento, deveis poder controlar o vosso negócio!

E o controle eficaz, total e absoluto, reside numa caixa registadora. Mas, uma máquina registadora deve ser moderna, eficiente, prática, elegante e... de preço moderado.

Tais são os principais predicados das caixas registadoras "Hugin", a maravilha da indústria sueca, a marca que conquistou a simpatia do comércio de Portugal.

HUGIN

PEÇA HOJE MESMO UMA DEMONSTRAÇÃO SEM QUALQUER COMPROMISSO

A CAIXA REGISTADORA DE CONFIANÇA

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
RUA DOS FANQUEIROS, 250, 2.º ESQ. - LISBOA

DIXI
A MARAVILHOSA SOMADORA SUECA



UMA MÁQUINA COMPLETA, EFICIENTE, RÁPIDA E SILENCIOSA!
Indispensável em todas as organizações modernas

ADICÇÃO SUBTRAÇÃO MULTIPLICAÇÃO

Demonstrações sem qualquer compromisso

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL

SUL: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA. • NORTE: SANCHES & NETO, LDA.
RUA DOS FANQUEIROS, 250, 2.º E. - LISBOA RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 310, 2.º - PORTO

É UM PRAZER...



Escrever numa **HALDA**

PORQUE ALÉM DA SUA EXTRAORDINÁRIA ELEGÂNCIA E BELEZA DE LINHAS, POSSUE ESPANTOSA SUAVIDADE DE "TOQUE", VELOCIDADE ILIMITADA E INCRÍVEL NITIDEZ E BELEZA DE ESCRITA. ALÉM DISSO É APRESENTADA NA MODERNA COR VERDE MATE QUE NÃO FATIGA A VISTA MESMO DEPOIS DE MUITAS HORAS DE TRABALHO.

HALDA

A GRANDE MARCA SUECA QUE V. EX.ª DEVE HOJE MESMO EXPERIMENTAR SEM QUALQUER COMPROMISSO

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL

SUL: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
RUA DOS FANQUEIROS, 250, 2.º E. - LISBOA

NORTE: SANCHES & NETO, LDA.
RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 310-2.º - PORTO

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

CAPITAL REALIZADO 80.000.000\$00
 FUNDOS DE RESERVA 80.000.000\$00

Rua do Comércio, 95 a 119 - LISBOA

DEPENDÊNCIAS URBANAS

Alcantara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis e Benfica

FILIAIS E AGÊNCIAS

Porto, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã, Torres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tortozendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matozinhos, Moura, Guarda, Espinho e Montijo

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

ESTAMOS PREPARADOS

para toda a classe de trabalhos da Indústria Rádio-Elétrica

RÁDIO CONTROL

ARMANDO S. FERREIRA

Laboratórios da Rádio-Electrotécnica — 33, 35 — Rua Dr. Sousa Martins — Telefone 4 1752 — LISBOA

ARLO

DINHEIRO
EMPRESTA-SE

dando-se o máximo sobre todos os objectos
 R. Duque de Palmela, 11
 & R. Alexandre Herculano

VINHOZ - VALENTE COSTA
 AGENTE
AMADEU & ROCHA, Lda
 R. IVENZ 50 1.º TELEFONE 21978 LISBOA

ARLOMANIA?

Idéias sem espírito

de um homem conformado
que tinha as botas rotas
e esperava que parasse a chuva

Nós não sabíamos bem o que deveríamos fazer. A chuva tinha aumentado, iam sem resguardos, e o Juvenal, ainda por cima, segundo me confidenciou, levava as botas rotas. Aquele pingó-pingó que saltava das gotéiras no lagado do passeio, como acompanhamento do fundo musical da morrinha líquida que caía quasi sem se ouvir, dava á atmosfera úmida uma monotonia estúpida que se harmonizava á perfeição com o estado de espírito de cada um de nós. Chegava quasi a supor—talvez a sentir—que a espécie humana se formara para viver naquela tranquilidade morna da chuvazinha que caía lenta e imperturbável. Era difícil, realmente, distinguir na névoa do raciocínio a alternativa: se um estado de espírito que se adapta á natureza, se a natureza correndo pressurosa a dar razão de ser a um estado de espírito. E a poeira de água era quasi uma carícia. Mas o meu amigo ia com as botas rotas e achou preferível que nos abeirássemos num alpendre.

—Lá fui hoje ao enterro do Mendonça... disse-me ele, para dizer qualquer coisa. Não esteve mal, estavam os colegas todos... Também, não lhe fizeram favor nenhum, porque ele era um cara-direita para fazer tudo quanto lhe pediam... E depois, bem estás lembrado, tinha uma graça, muito particular, sempre muito metido consigo, mas sabia dizer umas coisas de um modo especial, que iam ter muito longe... Bom tipo! O pior é que fui com estas botas, não pensava que chovesse, e vou com certeza apanhar uma gripe. Tu já experimentaste agora aí umas pastilhas muito boas, que andam nos jornais?

Confessei a minha ignorância e a minha inexperiência, mas isso de nenhum modo desarmou o entusiasmo do Juvenal, que parecia tomado de verdadeiro entusiasmo pela panacea, a pontos de quasi parecer desejar a constipação, só para lhe poder avaliar a força terapêutica. E, como a chuva se mantivesse, o meu amigo não se deixou interromper por muito tempo:

—Pois foi... Sempre fiz bem em ter ido. Que o Mendonça, coitado, era bem merecedor. E tive sorte. Tive sorte, sabes? Encontrei lá o Silva, que ficou de me arranjar meio quilo de arroz e uns bilhetinhos para ir no sábado com a família ao teatro. É uma coisa que eu aprecio, sabes? E o Mendonça também, coitado, isso é verdade. Ainda me estou a lembrar de uma noite em que fomos ver uma «troupe» que estava no Coliseu da rua da Palma, com espanhóis. O que ele gostou! E era um rapaz muito entendido nestas coisas de arte, isso era. Eu, por mim, tu bem sabes, não sou dado a tais problemas, mas também aprecio muito. Ainda sou do tempo em que saíamos de casa ao domingo para ir ouvir um bocadinho de musica á Avenida, quando lá estava o coreto. Encontrava-se sempre gente conhecida e podia uma pessoa entreter-se o seu bocado a falar de toiros ou qualquer coisa... Tu não és dêsse tempo, mas olha, uma tarde, veio cá o Belmonte ao Campo Pequeno, foi um delírio. Era naquela época da rivalidade com o «Gallito», muito se falou dessa corrida em Lisboa! Caiu o poder do mundo naquele Campo Pequeno... Eu lá fui também, pois claro. Eram trens e trens, por aquelas avenidas acima, com os toureiros e os entusiastas. Uma corrida assim, digo-te eu...

—Foi boa?

—Toda a gente disse que sim, mas eu não vi, claro. Fui só até lá acima, ver quem entrava. E aproveitei dar uma volta pelo outro la-

do, ainda aquilo tudo eram quintas, onde agora fizeram todos aqueles prédios. De resto, em minha opinião...

—Não te serve este carro para a Estrela?

—Não, que vou jantar a casa da minha sogra. O demónio é isto dos pés molhados... Mas dizia eu...

—Que a tourada no Campo Pequeno...

—Não, não. Dizia eu que, na minha opinião, aqueles prédios todos não querem dizer nada do progresso da cidade. Não percebo porque é que cada prédio não há-de ter, ao menos, uma garagem para todos os inquilinos. Quere uma pessoa guardar o seu automóvel e tem que ir a Cascos de Rolha, ó tio-ó tio, onde é que há uma garagem de recolha. Está certo isto?

Eu quis murmurar que pouco se me dava, porque não morava lá, porque não tinha automóvel nem tinha dinheiro para uma coisa nem para a outra. Quis recordar que menos ainda lhe deveria importar a ele, que estava como eu ou pior ainda—de mais a mais com as botas rotas. Mas não foi possível.

—De resto, deixa-me que te diga: o que isto está a pedir sei eu, era uma pena como a do Eça de Queiroz, que metesse tudo a ridículo. Tu fôste ver a exposição queiroziana?

Limitei-me á comodidade muda de um gesto vago. Os ultimos restos de cinzento violáceo da cor do dia tinham-se dissipado. Já rompiam feixes de luz lançados pelos projectores dos carros que passavam.

—Não te parece que a chuva abrandou?

—Olha, se queres que te diga, tanto me faz. Tinha ficado de ir jantar a casa da minha sogra, que ela arranja lá umas azeitonas de conserva que são um encanto...

—Então, bom apetite—fiz eu, malcriado, quasi á despedir-me.

—Não tenho pressa, sabes? São já estas horas, também não quero que ela julgue que eu a visito pelo jantar, de modo que vou mais tarde, só por um bocadinho do serão.

—E o jantar?

—Isso não tem importancia, sabes? Não janto. Tomo depois qualquer coisa.

—E as azeitonas?

—No fundo, até é bom não jantar, porque a verdade é esta, é que não há nada pior para os intestinos que comer azeitonas. Olha, o Mendonça, coitado, também apreciava muito o vinho verde. Lembrei-me disso, hoje, quando ia para os Prazeres. Vi ali na rua Saraiva de Carvalho, á porta de uma loja de vinhos, um letrero a anunciá-lo a quatro escudos. A quatro escudos devia ser bom, não achas? Pois é, que gostava tanto de vinho verde, também não o bebia. E não lhe fazia mal nenhum...

—Se não o bebia, claro, não lhe fazia mal...

—Não! Digo eu que não lhe fazia mal se o bebesse. Mas o Mendonça, coitado, tinha daquelas coisas. Dizia ele que não lhe parecia justo correr a satisfazer os instintos. E desistia. Que isto, estou eu em crer, eram explicações dêles para éle mesmo, por não poder fazer o que mais lhe apetecia. Tu sabes que o Mendonça vivia em dificuldades, sim, isso vivia. Mas não gostava de mostrar. Para a frente e cara alegre era a divisa dêles.

—Coitado!—fiz eu, sinceramente combalido, na minha serenidade de cidadão cumpridor dos deveres sociais.—Há gente assim...

—Mas tu achas que vale a pena?—preguntou-me o Juvenal.—Tu achas que o mundo merece que a gente se dê ao trabalho de andar a arranjar uma desculpa para cada coisa que faz, ou para uma que deixa de fazer? Eu, por mim, fui sempre pão-pão, queijo-queijo! Não vale a



pena. Isto é tudo uma data de impostorice. Mas o Mendonça era assim... Olha, ainda me lembro de uma vez que éle me convidou para um «pic-nic». O Mendonça apreciava muito os «pic-nics». Mas eu implicava com aquilo de ter de comer em qualquer parte, sentado numa pedra, com a alface numa latinha de alumínio, um fastio medonho, sem comodidade nenhuma...

—Tiveste que lhe dizer que não ias...

—Pois foi. Comecei logo a pensar que não me apetecia nada; que não tinha dinheiro para frescatas; que tinha que pedir licença ao chefe da repartição—éle diz sempre que sim, mas sempre torce o nariz com vontade de dizer que não. Uma seca! E estava resolvido a não ir, porque não gosto, para não gastar o dinheiro e para não aturar o nariz torcido do chefe da repartição. O pior era a contrariedade do Mendonça, tão bom rapaz, tão amigo do seu amigo. E eu não tinha cara para lhe dizer que não. De modo que, aí tens, fiz das tripas coração e lá me resolvi a ir.

—Um dia não são dias...

—Pois foi a conta que eu lhe deitei. Não tinha vontade nenhuma, isso é verdade, mas lá me resolvi. E estava, como tu calculas, sem dinheiro...

—Fôste ao chefe da repartição e pediste um adiantamento.

—Não, isso não tinha jeito nenhum. Só de ver a cara que éle me fazia perdia o gosto ao passeio. Resolvi tudo sem dar cavaco a ninguém. Pus êste anel no «prêgo», faltei á repartição e, pronto, paciência, lá me decidi. O Mendonça, coitado—já lá está!—insistiu tanto comigo... Ele é que tinha organizado tudo. De mais, isto um dia não são dias...

—E o passeio, que tal?

—Ah, é verdade... Não cheguei a ir. Não sei como arranjei aquilo, quando cheguei á estação, já tinha partido o comboio...

—Já é azar!—comentei.

—Qual! No fim, até calhou bem. Aproveitei a tarde para mandar consertar o relógio, que andava há que tempos com a mania de se adiantar uns minutos todos os dias...

Mas logo, caindo em si, o Juvenal meteu a mão no bolso e, extraíndo o relógio, exclamava:

—Vou já daqui mas é para casa pôr as botas a secar, não quero saber de mais nada. Para mais, amanhã é quarta-feira, quero-me levantar cedo para ouvir a lição de ginástica pela telefonia.

Eu ia dando um pulo de espanto!

—O quê? Tu agora fazes ginástica?

Mas logo éle me tranquilizou:

—Eu? O Mendonça, coitado, é que fazia. E dava-se muito bem. Dava-se muito bem. Foi éle que me meteu essa mania em casa. Coitado do Mendonça! Mas eu não. Eu fazer ginástica? Isso não faço. Mas acho imensa graça ouvir aquilo—tic-tac... um, dois... á frente, á cima... —de manhã, quando estou a fazer a barba. Agora aquele é que eu não perco!

E o Juvenal, quebrando o fio da conversa, desatou a correr para o «eléctrico».

ZACARIAS DE LEMOS

Portugal já

para a arvore de
tão bons con

Brincar, á primeira vista, deve se acto natural e espontaneo. Dar brinquedos a crianças parece que deve se ainda um acto tão natural e espontaneo, como o brincar ou criar ideia para brinquedos.

Na verdade, porém, nada disto s reveste da simplicidade aparente do factos—mas, antes, tudo se converte num complexo que nem sempre o educadores estarão em ponto de atingir e, com eles, os próprios fabricantes de brinquedos.

Naturalmente, não vamos fazer aqui um artigo de doutrina e psicologia infantil ou mesmo de ciência applicada ao brinquedo... Basta-nos lembrar que o fabricante de illusões de aquisição de conhecimentos para a criança precisa de ter em presença uma verdade mais ou menos subjectiva, que não induza em erros o pequenino e rebro: um gato, por mais estilizado que o façam, tem de ser imediatamente identificavel...

Além disso, um brinquedo deve se uma lição de bom gosto e de lógica infantil.

Estes, porém, são os aspectos profundos da reportagem que não queremos agora especializar. Queremos pelo contrario, dar-lhe o aspecto mais objectivo: vamos saber onde se fazem os brinquedos que os meninos de Portugal, a esta hora, esperam ver de manhã, dormindo, na chaminé ou que desde já abraçam ternamente no regaço.

A escolha de brinquedos

E aqui surgem, desde já, algumas perguntas: para os papás e outros presentadores: que melhor brinquedo hão-de encontrar para «bebês»? E de que mãos saíram êstes bonitos agora que o mundo, a renascer da guerra, air da não está em condições de os fabricar?

Aqui vai a resposta para a primeira pr



gunta: tudo o que sirva de real aquisição de conhecimentos para a criança, cultivando nela o gosto da fantasia—mas evitando que, na sua formação psicológica, o irreal e a illusão dominem o raciocínio e a inteligência.

Para a segunda pergunta—vai a resposta do inquérito ás lojas de Lisboa:

—Onde compram os brinquedos que vendem aos meninos portugueses?

Há um senhor que quer fugir ao assunto; como se o comércio e a industria de brinquedos encerrassem a delicadeza da politica e da ciência atômica:

—É um caso muito complexo...

Mas, por fim, explica:

—Presentemente, o mercado português é fornecido pela industria nacional. Leiria, São João da Madeira, o Pêto, a Amadora na frente...

E vamos perguntar a um grande representante dessas fábricas em Lisboa e, ainda, de outras estrangeiras, o que sabe a respeito da industria de brinquedos em todo o mundo.

Vem primeiro Portugal de antes da guerra,

Carnaval de Veneza
apresenta
os mais lindos brindes
para o
Natal e Ano Bom

RUA AUREA 107

Deve fazer

lindos bonecos Natal dos estrangeiros

com algumas experiências indecíveis e nenhum estímulo possível, pois no país não se faziam tantas próprias, nem havia celuloide, nem fôlha de Flandres e onde faltavam, além do mais, artistas de fantasia, de imaginação e de técnica capazes de inventar e criar brinquedos para os meninos portugueses...

Depois, havia um outro grande problema: o do poder de compra. Não só tínhamos que produzir pouco—quer dizer, poucos compram—por muito dinheiro como, ainda por cima, era possível dar às crianças portuguesas brinquedos estrangeiros perfeitíssimos por preços muito acessíveis.

Os brinquedos estrangeiros

A Alemanha, a França, a Itália e a América vendiam grandes quantidades de produção estandardizada por pouco dinheiro, portanto. O Japão, com os brinquedos de fôlha, até ia mais longe: punha em Lisboa a mercadoria barata...

Então, Leipzig não era só a pátria de Wagner: era também a pátria dos brinquedos e, como ela, Nuremberg, que mudou agora os seus cenários de magia infantil, pelo palco do julgamento dos criminosos de guerra. Ambas viviam das suas grandes e pequenas indústrias de brinquedos, do luxo dos seus hotéis, especialmente criados para o comércio de bonitos—quer dizer, para os comerciantes que demandavam a terra, à procura de novidades.

Não eram só as grandes indústrias, porém, que dominavam: havia também aqueles verdadeiros artistas que transformavam pedaços de chumbo ou de peluche em figuras delicadas e de fantasia: um polichinelo abria as portas à farsa italiana, para a compreensão infantil, com a mesma superior inteligência com que o rinoceronte abria as páginas da geografia de África...

Os bonitos que fazia madame Steif—onde pararam as suas mágicas mãos?—moldadas sob a pelucia ficaram célebres no mundo dos brinquedos, a concorrer com os «Piedgreas» ingleses.

E a França? Sim, a França que nos mandava tão lindas bonecas—a sua origem vem dos tempos dos faraós, quando os «criados» puderam emancipar-se do sacrifício da vida pelos seus «senhores», sacrificando «bonecos» em vez do seu corpo—sim, tão lindas bonecas que criou a mística dos próprios «bebês» de carne e osso, vindos em condessinhas de flores?

As suas caritas de porcelana e as de celuloide foram incomparáveis. Nem as bonecas italianas, tão originais e modernas, mataram a graça imponderável das «poupées» francesas.

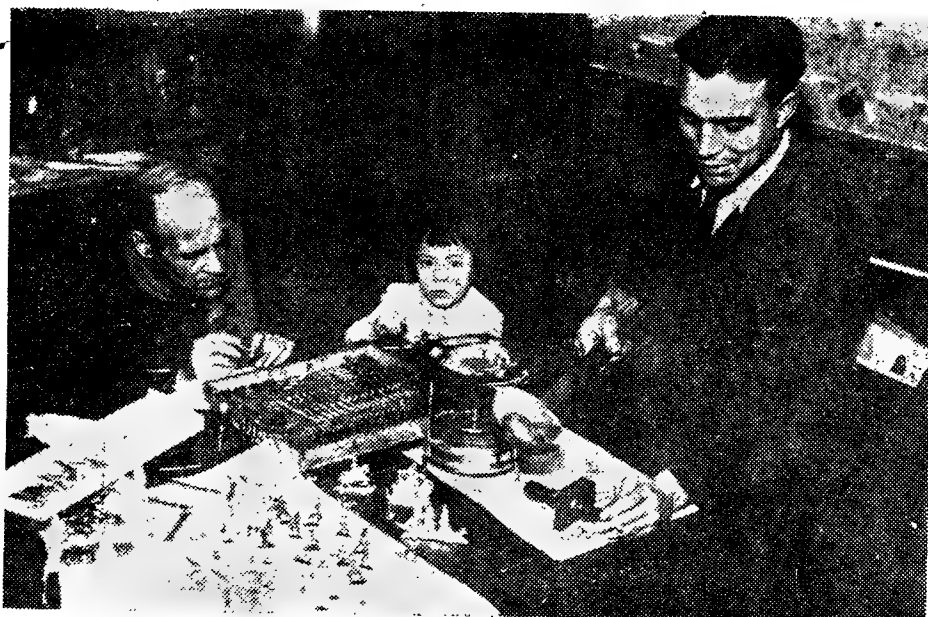
A indústria portuguesa

Alguém nos diz:

—Queríamos também fazer bonecas de porcelana e de celuloide mas partindo da pequenez do mercado nacional, ninguém se aventurou. O pouco que se vendesse não chegaria para despesas. E tentar a exportação é difícil, se pensarmos que há países que dispõem de matérias primas e de longa experiência que nós não temos...

E, para nos consolar, esse alguém acrescenta:

—Mas as bonecas de pasta que se fazem em Leiria são tão lindas e perfeitas, como as mais lindas cabeças de porcelana. Tão lindas que já se exportam em larga escala para a África do Sul, para Marrocos, para a América do Norte, para a própria Inglaterra... Para a Afri-



O mais velho é o sr. Virgílio da Cruz, empregado dos Correios, durante o dia, e fundidor de soldadinhos de chumbo, depois do jantar. A sua roda, a família ajuda-o, porque ninguém acreditaria que os seus quinhentos escudos de ordenado chegariam para o governo da casa...

ca do Sul, de resto, não vão só bonecas, mesmo das que «andam» e «falam». Vão os lindos cisnes de montar, as girafas e os elefantes «gigantescos», verdadeiras criações portuguesas que vieram substituir os clássicos burros e cavalos. Foi em São João da Madeira que nasceu a indústria. Roano, que é de origem espanhola, deu uma alma nova à indústria de brinquedos.

—Barcelona e Bilbao inundam hoje Portugal de brinquedos...
—E' verdade. Receberam os alemães fugidos da Alemanha com os seus moldes, segredos e direitos de propriedade e, agora, estão a transformar-se em grande centro industrial. Ambas, de resto, terão os seus concorrentes: a Inglaterra, que dentro de semanas reaparece na Europa, e a própria América, que nos cedeu já alguns brinquedos vindos de avião. O grosso da coluna, porém, ainda está para chegar...

—E Portugal?
—Nós seremos naturalmente afectados... A guerra obrigou-nos a aperfeiçoar-nos nos carinhos e cadeirinhas de «bebê», em bonecas de pasta e em brinquedos de madeira. Sabe o que nos falta, além de matérias primas, para certos casos? Dinheiro que estimule o espírito criador. Em geral, não inventamos brinquedos: copiamos-os e aperfeiçoamo-los, até...

O Natal e os Natais de todo o lar

Na mais minúscula aldeia ou lugar ou na cidade ou vila solarenga média ou humilde, todo o lar tem os seus Natais, no decurso dos trezentos e sessenta e cinco dias calendaristas.

O Natal, individual, vulgar, é o descerrar os olhos para a luz, que por vezes, é treva.

E' existência em início.
E' problema numa constante dúvida, insolvível. Rico ou pobre, criança ou velho, o humanismo, em alegria ou em desalento, desde esse primeiro instante do marcha ao Mistério, vai adicionando natal a natal até ao *Consummatum est*, pródomo decifrente da gigantesca charada definida em river.

Criada pela hora bendita da Judeia a Verdade, cheia de Poesia, da Festa da Família, culmina-a a da Família Sacra.

Ela preside, de facto, no Orbe, ao vigésimo quinto dia de dezembro.

O doce encanto de Bethlem reflecte-se de terras em terras.

Tão grande, tão estranho no aspecto, aparentemente banal que as surpresas não escasseiam.

Período de neve intensa. Frio regelante, atroz, acossante.

As gentes serranas descem das montanhas e dos pousios altos e isolados até às cristas, onde tilintam pequenos sinos chamando os fiéis à missa da meia noite.

Pois as alcateias, em respeito, num extraordinário retraimento, não trocam, pelo povo do povoado, seus covis, nos minutos de humana elevação de Deus.

Não se atrevem ao assalto aos redís ou a sanguinar nos crentes que, por veredas ásperas se encaminham para o culto a Jesus, sempre Menino, até no dizer:

«Deixai vir a mim as criancinhas».

E' que pairam nos ares divinos canticos, só a alma perceptíveis.

O Natal Nazareno simboliza a consagração, na generalidade, dos nascimentos.

Adorem-lo nas suas Graças e meditemos sobre a respectiva magnitude.

ARMANDO RIBEIRO
(Do Instituto de Coimbra).

Os costumes do Natal nos Estados Unidos

Em todo o mundo cristão se celebra, se festeja o Natal. Quer se lhe dê uma feição mais religiosa, mais familiar ou mais mundana, a data solene não passa despercebida, não pode apagar-se nos corações. Há poucos dias, lemos uma revista argentina, que nos descreve o Natal nos Estados Unidos, e pareceu-nos interessante, nesta quadra do ano, colher desse artigo alguns apontamentos, que deem ideia da maneira como esse país, que a guerra pôs ainda mais em evidência, festeja o seu *Christmas Day*.

«Não creio, diz-nos a jornalista que o escreve, que em parte alguma do mundo se dê mais importância à festividade do Natal do que nos Estados Unidos». Descreve-nos, depois, o espanto que lhe causou a antecipação com que se preparam esses festejos. Os habitantes do país, de todas as raças e de todas as religiões, até—escolhem o dia de Natal para mutuas atenções, presentes e delicadezas. Parece exagero dizer que se começa a preparar o Natal em janeiro, isto é, quasi um ano antes, mas torna-se fácil a explicação: em muitas casas bancárias e estabelecimentos há uma secção denominada «Fundo do Natal», que tem por fim descontar nos ordenados do pessoal determinada quantia mensal, de janeiro a dezembro, que é entregue ao seu dono na ocasião do Natal, tendo assim para o festejar as suas economias de todo o ano. Desde outubro, todas as lojas ostentam os clássicos cartões e postais de boas-festas, com gravuras e inscrições alusivas. Em todos os escaparates dos estabelecimentos luxuosos ou modestos se encontram os mais variados objectos para dádivas familiares ou presentes de cerimónia. Todos trocam, entre si, essas lembranças afectuosas. todos têm um prazer simpático em repartir com a família, as pessoas amigas ou as relações de sociedade, flores raras, «bonbons», joias, objectos de arte, ou pequenas coisas graciosas ou uteis, conforme os meios e as circunstâncias. Isto constitui uma satisfação para quem dá ainda mais do que para quem recebe.

Mandam-se, muitas vezes, as dádivas antes do Natal, para garantir a clássica árvore, esguio pinheiro nórdico, que quasi todas as famílias norte-americanas não dispensam, mas essas dádivas ficam fechadas até à noite solene, em que são distribuídas. «Estas árvores—diz o artigo—não faltam mesmo nas mais humildes casas, e colocam-se junto das janelas, para que a sua luz chame a atenção de quem passa».

No campo e nas povoações menos importantes cantam-se as velhas canções antigas, com versos alusivos ao nascimento de Jesus, canções—provavelmente—traçadas pelos primeiros colonos e conservadas até hoje pela tradição ou recompostas por músicos contemporâneos.

Em alguns lugares ou famílias em que a fé religiosa, com os seus hábitos e tradições, é mais viva armam o Presépio com os Reis Magos e Pastores a adorem o Menino Jesus.

Na véspera de Natal ninguém deixa de mandar as suas boas-festas aos que estão longe ou aqueles que não haverá tempo de visitar, de modo que as caixas de correio ficam cheias a deitar por fora, e algumas pessoas, cuja correspondência já não consegue entrar, deixam-na confiadamente em cima da caixa, certas de que ninguém a desviará do seu caminho.

Mas o que mais impressionou a articulista foi a atitude de uma família que viajava no mesmo comboio em que se dirigia a S. Francisco, e com quem travara conversação no trajecto. Quando, á chegada, pretendia despedir-se, essa família, como era dia de Natal, insistiu amavelmente, em convidá-la para o jantar. E como procurasse escusar-se, alegaram:

«O Natal é um dia do lar, da família, e não consentimos que vá jantar a um hotel».

Como seria mais feliz a humanidade, se os sentimentos fossem assim todo o ano, toda a vida, sem ódios, sem guerras, sem crueldades, em doce fraternidade cristã...

M. C.

Grand Marnier
LICOR

A Paz trouxe ao nosso mercado os melhores licores franceses.
Grand-Marnier Cordon Rouge
Cherry Brandy
Cognac 3 Abelhas

Agente
J. A. DA COSTA PINA
Rua do Alecrim, n.º 69—Lisboa
Telefone 2 7249

GABARDINES
PARA
HOMEM E SENHORA

LOJA DAS MALHAS
97 — Rua do Carmo — 99

CAMISARIA CISNE
166 — Rua Augusta — 168

OURO, PRATA, JOIAS E RELOGIOS
Pulseiras de ouro e jóias modernas a preços sem competência
Ourivesaria Santos Catita, Limitada
RUA EUGENIO DOS SANTOS, 44

A GERÊNCIA DA

CASA QUINTÃO

30 — RUA IVENS — 34

Deseja aos seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos muito Boas Festas e um Novo Ano repleto de prosperidades.

CASA AFRICANAFREIRE DA CRUZ & CRUZ, L.^{da}

Rua Augusta, 161

Desejam aos seus Ex.^{mos} Fregueses e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Dinheiro!!

Empresta-se, ao juro da lei, sobre todos os artigos que ofereçam garantia. Compra e vende antiguidades, ouro, joias, etc.

JOSE' MAYER

Deseja boas festas aos seus Ex.^{mos} clientes e amigos.

18, Rua do Loreto, 20—Telef. 2 2881

A GERÊNCIA DO

Comptoir Français d'Accessoires

Rua das Pretas, 22-24

Deseja Boas Festas e um ano de prosperidades aos seus Ex.^{mos} fregueses e amigos.

RODRIGUES, OCULISTA**E. A. RODRIGUES & C.^{da}**

142—Rua da Prata—146

Cumprimentam os seus Ex.^{mos} Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Novo d. muitas prosperidades.

Pelaria Pampas**PAMPAS**

Deseja Boas Festas a todas suas clientes.

Pampas, 65, Rua dos Retroseiros
Telef. 2 1004

Paris-Chiado

A mais elegante casa de flores naturais do Chiado

Apresenta boas festas aos seus Ex.^{mos} Clientes.

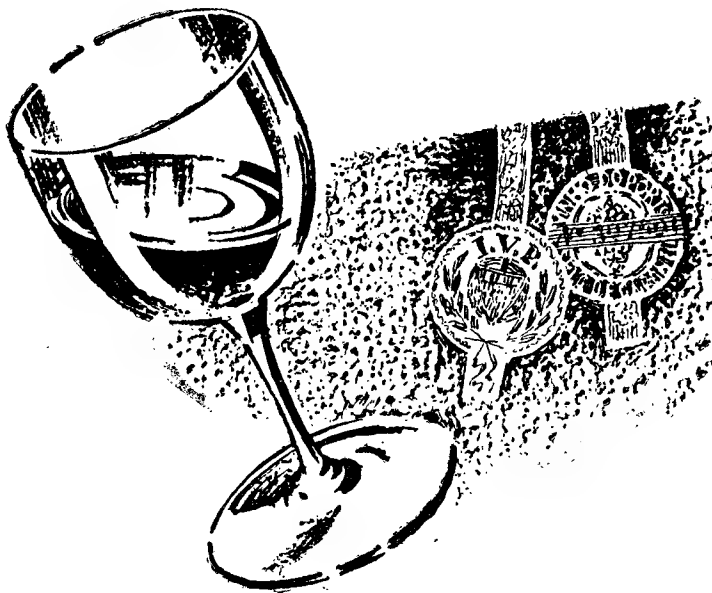
R. Garrett, 62, 64—Tel. 2 6068

Elfrem Rodrigues, Lda.R. da Prata, 185, 2.º, D.
—LISBOA—

Deseja Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero a todos os seus estimados clientes e amigos.



Vinho do Porto

**CASA TIROL**

70, Rua da Prata, 72

Cumprimentam os seus clientes e amigos, desejando-lhes festas felizes.

A. S. BAETA**OURIVES-JOALHEIRO**

65—Rua do Ouro—67

Deseja Boas Festas e um Ano feliz a todos os seus Ex.^{mos} clientes e amigos.

Dominguez & Lavadinho, L.^{da}

Desejam aos seus prezados clientes e amigos um novo ano muito próspero.

Rua da Assunção, 79 a 85

Rua dos Sapateiros, 135 a 143

LISBOA**Rosas & Carvalho, L.^{da}**

«CASA RIO DE JANEIRO»

Camisaria—Malhas—Meias

264, Rua Augusta, 266

—Telef. 2 2107—

Desejam Boas Festas e Ano muito próspero aos seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos.

W.^m Hinton & Sons**FABRICA DO TORREÃO**

Funchal-Madeira

AÇUCARES-CRISTAIS

Largo do Corpo Santo, 6, 1.º, dir.º

LISBOA**VILARINHO & RICARDO****LIMITADA**

230—Rua da Prata—232

Cumprimenta os seus Ex.^{mos} Fregueses, desejando-lhes Festas Felizes.

TORRE EIFEL

Camisaria, Gravataria, Malhas e Artigos de Novidade

104 - Rua do Carmo - 106

Desejam Boas Festas e Ano feliz aos seus Ex.^{mos} fregueses e amigos.

Paixão & Paiva

RUA DOS CAETANOS, 21

Telefone 2 3402

Construções Electricas

Desejam Boas Festas aos seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos.

Viuva de José da Silva

Sucessor João da Silva
SERRALHARIA MECANICA

Largo Silva e Albuquerque, n.º 7

LISBOA

Deseja aos seus Ex.^{mos} fregueses e amigos boas festas e um ano feliz.

Casa Travassos, L.^{da}

ROSSIO, 42

Manuel Martins Travassos

R. DA PALMA, 43

TABACOS-LOTARIAS*Cumprimenta todos os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.***OS PROPRIETARIOS**

— DO —

Restaurante e Cervejaria «Leão d'Ouro»

RUA 1.º DE DEZEMBRO, N.ºs 89-99

*Cumprimentam os seus Ex.^{mos} clientes, desejando-lhes Boas Festas e um novo ano muito feliz.***Grandes Armazéns de Víveres
Tavares da Silva, L.^{da}**

33, Praça Luiz de Camões, 35—LISBOA

Secção especial de chá, café, bolos e artigos de novidade

*A todos os seus Ex.^{mos} amigos e fregueses desejam felizes festas e Ano Novo de prosperidades.***Empresa do Café Lusitano, L.^{da}**

BILHARES

242, Rua da Prata, 248

26, Rua de Santa Justa, 32

LISBOA
Telefone 2 2151*Deseja aos seus Ex.^{mos} Clientes e amigos Boas Festas e um novo ano próspero.*Fábrica de Malas, Pastas e Peles
para Confecções**A NACIONAL**de **ANTONIO FERREIRA VEIGA**

Tem de existência 40 anos

34, 1.ª, RUA DA PALMA, 34, 1.ª — LISBOA — Telefone 27928

O proprietário deseja festas felizes a um Novo Ano muito próspero aos seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos.**J. A. RIBEIRO & C.^a**

Oculistas

— INSTRUMENTOS CIENTIFICOS —

222, RUA AUREA, 226*Cumprimentam os seus Ex.^{mos} fregueses e amigos desejando-lhes boas festas.***Lopes dos Santos, L.^{da}**

OLEADOS, CARPETTES, PAPEIS PINTADOS, ETC.

82 — Rua Augusta — 84

*Aos seus Ex.^{mos} clientes e amigos desejam boas festas e um ano feliz.***SHEFFIELD HOUSE**

CASA ESPECIALIZADA EM CUTELARIA FINA

Cumprimentam os seus Ex.^{mos} Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

Manuel António Fernandes (Herdeira)

26, R. Garrett — Lisboa

Telef. 2 8824

Sapataria Versailles

RUA DE SANTA JUSTA, 96

*Cumprimenta os seus amigos e clientes, desejando-lhes um Novo Ano muito próspero.***H. VAULTIER & C.^a***Cumprimentam os seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.***A. M. SILVA**

Armas e munições

*deseja festas felizes e um novo ano muito próspero aos seus Ex.^{mos} clientes e amigos*RUA DA BETESGA, 43 e 67
Telefone 2 5424

LISBOA

fénix

camisaria

novidades para homem e senhora

r. augusta, 125-129—lisboa—tel.—2 7228

*Cumprimenta a sua Ex.^{ma} clientela desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano feliz.***Casa «Urânia»**de ANTONIO CASTANHEIRA DE MOURA
Representante da
Cromagem e Metalurgia «Landolt»

—ROSSIO, 93-2.º (porta 37)—

*Cumprimentam todos os seus Ex.^{mos} clientes e amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.*Tele { fone 21925
grama ATLANTHOTELHERMIDA MARTINS, L.^{da}

Proprietário gerente do

Suisso Atlantico Hotel*Apresentam aos seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos cumprimentos de Boas Festas, desejando-lhes um Ano Novo repleto de prosperidades.*

LISBOA

RUA DA GLÓRIA, 3 a 19

Tel. 26576

Dionisio Matias & C.^a (Filho), L.^{da}

Materiais de construção e cantarias—Tubagem de grés e seus acessórios, telhas, telha de Marselha e Alhandra, cimento, pozzolana, areia, bacias, bidets e lavatórios nacionais e estrangeiros

ESCRITÓRIO: CAMPO DAS CEBOLAS, 12-A

Armazens: CAMPO DAS CEBOLAS, D. M. F.

Bêco dos Armazens do Linho, 3

PASTELARIA BIJOU

— DE —

A. C. Alves & C.^a

84-88 — Avenida da Liberdade — 87-89

*Cumprimenta a sua Ex.^{ma} Clientela, desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano feliz.***Pastelaria J. Tavares, L.^{da}**

Rua da Palma, 68

*Agradece a todos os seus Ex.^{mos} clientes a preferência que têm dado à nossa FIRMA, desejando-lhes muito BOAS FESTAS e um Novo Ano repleto de felicidades.**Fornecem-se lanches para baptizados, casamentos, etc.*

Telefone 28068



FABRICAÇÃO E RECONSTRUÇÃO
de aparos de ouro, de todas as marcas
por processos ainda desconhecidos

Felisminos & Machado, L. da

OFICINAS CONKLIN

Rossio, 93, 3.º - LISBOA

Papelaria Rijo
Rua da Prata,
150
LISBOA

MERCADO DE CANETAS, Ld.
2, Calçada do Combro, 4
LISBOA

Isulgrafica
R. St. Catarina,
293; Praça da Ba-
talha, 23-PORTO

BOLSA DE MERCADORIAS DE LISBOA

Transacções sobre produtos nacionais e estrangeiros
Produtores, comerciantes e industriais devem
comparecer sempre às suas sessões
TERÇAS, QUINTAS E SABADOS
(11 às 12 1/2)

HAUSER & FERNANDES, L. DA

FABRICANTES E EXPORTADORES

CORTIÇAS — Prancha, Refugo, Aparas,
Virgem, etc., etc.

ESCRITÓRIO:

Rua Augusta, 188 — Lisboa

FÁBRICAS EM:

Poço do Bispo, Centeira (Olivais) e Sines

TELEFONES: 2 1285 e 3 8167

TELEGRAMAS: CARFER — LISBOA

CÓDIGOS: A B C 5th 8th Editions Rudolf Mosse
Code e Bentley's

SOCIEDADE GERAL DE COMERCIO, INDUSTRIA E TRANSPORTES, Ld.ª Barreiro

Agentes em Lisboa: Companhia União Fabril (Secção Marítima)
RUA DO COMERCIO, 39 — Tel. 20512

FROTA

n/m AFRICA OCIDENTAL...	1.504 T.	n/v LUSO...	10.125 T.
n/m ALEXANDRE SILVA...	3.110 T.	n/v MARIA AMELIA...	3.005 T.
n/v ALFERRAREDE...	2.118 T.	n/v MARIA CRISTINA...	5.580 T.
n/v AMARANTE...	12.595 T.	n/v MELLO...	6.253 T.
n/v COSTEIRO...	900 T.	n/v MIRANDELLA...	7.900 T.
n/v COSTEIRO SEGUNDO...	490 T.	n/v MIRA TERRA...	600 T.
n/m COSTEIRO TERCEIRO...	1.426 T.	n/v PINHEL...	5.874 T.
n/v CUNENE...	9.800 T.	n/m SÃO MACARIO...	1.221 T.
n/v FOCA...	2.018 T.	n/v SAUDADES...	6.430 T.
n/v GAZA...	7.979 T.	n/v SILVA GOUVEIA...	1.353 T.
n/v INHAMBANE...	9.619 T.	n/v ZE' MANEL...	1.220 T.
n/v MONCHIQUE, n/tanque...	7.800 T.		

TOTAL: 108.920 TONELADAS

REBOCADORES:

«AFRICA», «CINTRA», «ESTORIL»,
«FREIXO», «SÃO CRISTOVÃO»,
«SOURE».

LANCHAS A MOTOR:

«GAROTA», «BOLHAO», «OBIDOS»,
«MAQUELA» e «CAROCHA».

21 Batelões (19 de 500 ton. e 2 de 250 ton.)

25 Fragatas (2.268 ton.).

1 Barca de água (250 ton.).

1 Draga «BARREIRO» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m3 cada.

CARREIRAS DE LISBOA PARA:

NORTE DE EUROPA — NORTE DE AFRICA — CABO VERDE — GUINE' —
ANGOLA — ARGENTINA — CHILE — ESTADOS UNIDOS — TERRA NOVA
— GROENLANDIA e COSTA DE PORTUGAL.

NAVIOS A CONSTRUIR PARA RENOVAÇÃO DA FROTA:

4 navios com 9.500 T. Deadweight
2 navios com 9.100 T. Deadweight
4 navios com 7.000 T. Deadweight
4 navios com 3.800 T. Deadweight
6 navios com 3.200 T. Deadweight

OS MELHORES BRINDES DO NATAL E ANO NOVO

SÃO OS DA

VISTA ALEGRE

DEPOSITOS DE VENDA:

LISBOA — Largo do Chiado, 18

PORTO — R. Cândido dos Reis, 18

ESCOLA
Automobilística



Preferida
pela
competencia
dos seus
técnicos

ESTAÇÃO DE SERVIÇO ESPECIALIZADA

Os melhores preços, e rapidez e perfeição em todos os trabalhos



CIMENTO «LIZ» HIDROFUGADO «N»

Próprio para IMPERMEABILIZAÇÃO DE OBRAS, rebocos, fundações, paredes, etc.

Substitue com vantagens de ordem técnica e económica todos os impermeabilizadores conhecidos

Em sacos de papel de 50 quilos Peça as instruções para o seu emprego

SEDE: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º—LISBOA

FILIAL DO NORTE: Rua de Santo António, 130-A, 1.º—PORTO

AGENTES EM TODO O PAÍS

Companhia Colonial de Navegação

Serviço de carga e passageiros

Linha da Costa Oriental

Saídas mensais, com escala por Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

Linha da Costa Ocidental

Saídas mensais, com escala por S. Tomé, Sazaire, Luanda e Lobito e mais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação.

Linha da Guiné

Saídas mensais, com escala por Funchal, S. Vicente, Praia e Bissau.

Linha da América

para Filadélfia.

Linha do Brasil

para Rio de Janeiro e Santos.

ESCRITORIOS

LISBOA

R. do Instituto Vergílio Machado, 14
(Rua da Alfândega)—Telef. 20058

PORTO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9
Telefone 2342

Mala Real Inglesa

(Royal Mail Lines, Ltd.)

Carreiras para os portos do

— Brasil e Rio da Prata —

Agentes para passagens e carga em Lisboa:

James Rawes & C.º

R. Bernardino Costa, 47-1.º

Telefones: 23232 23233 23234

E. Pinto Basto & C.ª L.ª

Avenida 24 de Julho, 1

Telefones: 26001 (4 linhas)

VINHO DO PORTO GRAHAM

«Emperor»
«Five Crowns»
«Six Grapes»
«Imperial» Dry

«Tawny Velhíssimo»
«Muito Velho e Sêco»
«Vintage» Velho do Casco
«Ruby» Leve

GUILHERME GRAHAM JNR. & Ca.

Rua dos Fanqueiros, 7
Lisboa
Telf. 20066/9

Rua dos Clérigos, 6
Pôrto
Telf. 880/1

CIMENTO TEJO

CANTARIAS

MARMORES

ANTONIO MOREIRA RATO & F.ª, L.ª

Av. 24 de Julho, 54-F.

LISBOA

Telefone 6 0879

Telegramas — RATOFILHOS

LUMIAR ENAE

LÂMPADAS

MOTORES

A Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica deseja a todos os seus Ex.ªs Amigos e Clientes muito Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

OS PRODUTOS
DA

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

São os preferidos pelo fumador exigente

PICADOS — SUPERIOR — FRANCEZ — VIRGINIA — DUQUE — HOLANDEZ — AGUIA

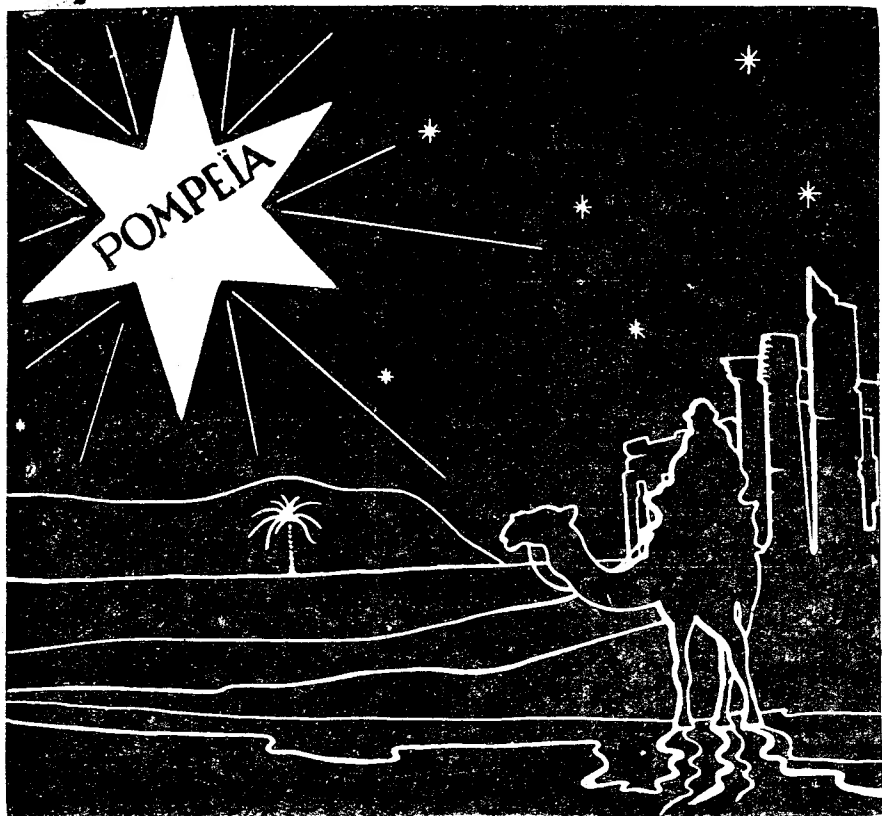
CHARUTOS — Irene — Argonautas

Gigarrilhas: Gamas — AVIZ — DIANA — LEGIONARIOS — DELTA — EUREKA — MENTA — LUSOS — PROVISORIOS — SPORTING — NAVALISTAS — ELEGANTES — TURQUEZAS — TIP-TOP — TAGUS — SEREIAS LUXO — SADO ARGOS — AZES — SAGRES — CHIC — LISBOA — P. PEITORAL.

São marcas da

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

Arrendataria das fabricas do Estado



!! PRESENTES DO NATAL !!

... é preciso saber escolher
os que mais poderão agradar

PENSE NOS:

PERFUMES L. T. PIVER

QUE SÃO ALTAMENTE APRECIADOS!
LEMBRAMOS OS PERFUMES

- «RÊVE D'OR» ardente, estonteante
- «UN PARFUM D'ADVENTURE» de delicadeza infinita
- «POMPEIA» suave, delicioso
- «MASCARADE» de aroma cativante
- «LAVANDE» alfazema da aristocracia

E AS AGUAS DE COLONIA:

- «CHIPRE», «PURE» e «POMPEIA».

A VENDA EM TODAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE

CASA VIUVA FERREIRA

Com 100 anos de existência

Calçada do Combro, 20—LISBOA
Executa com perfeição qualquer
trabalho em Joalharia, Ourivesa-
ria, Prataria, Relojoaria, Apare-
lhos de precisão, Grafonolas, to-
etc.

10 %

De desconto em todo o artigo até
ao fim do mês, nas ourivesarias
Miguel A. Fraga, Ltd.^a e Fraga &
C.^a—R. da Palma, 26-28 e 76-78.

OFICINAS

de Encadernação, Pautação
e Dourador

Raul Augusto da Fonseca

Executam-se trabalhos simples
e de Luxo—Livros em Branco
para o comércio

CASA FUNDADA EM 1918

Rua Luz Soriano, 68—LISBOA

Orçamentos grátis

**COMPANHIA DO PAPEL
DO PRADO**

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

SEDE EM LISBOA:

Prédio da Rua dos Fanqueiros, 278, 2.º

PORTUGAL

Proprietária das fábricas do Prado, Marianaia, Pe-
nedo, Casal d'Ermio (Lousã) e Vale Maior (Alberga-
ria-a-Velha)—Instaladas para uma produção anual
de oito milhões de quilos de papel

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

LISBOA-270, Rua dos Fanqueiros, 278

TELEFONES: 22331/2

PORTO-49, Rua de Passos Manuel, 51

TELEFONE: 217

Endereços telegráficos de Lisboa e Pôrto

PELPRADO

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO, L.^{DA}

FICHEIROS E ARQUIVOS

SEEL

MOBILIÁRIO EM AÇO

CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

P. dos Restauradores, 53, 1.º — Telefone 2 4986

Telefone 28778



S. P. L. A. L.

**Sociedade Portuguesa
de Levantamentos Aéreos, L.^{da}**

A única organização nacional especializada em trabalhos de fotogrametria

AVIAÇÃO PRÓPRIA

Os mais modernos aparelhos de restituição plana e estereofotogramétrica
Sócia das Sociedades Portuguesa, Francesa e Belga de Fotogrametria

Medalha de Ouro na Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1932
Medalha de Ouro na Grande Exposição Colonial do Pôrto de 1934

ESCRITÓRIOS E OFICINAS

RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 61-63 — LISBOA

End. Teleg. ARFOTO

**Empresa Industrial
de Tintas, Limitada**

Tintas para imprensa
e Litografia

Vernizes tipo-litográficos
Massa para rolos, etc.

Rua da Cascalheira, 33

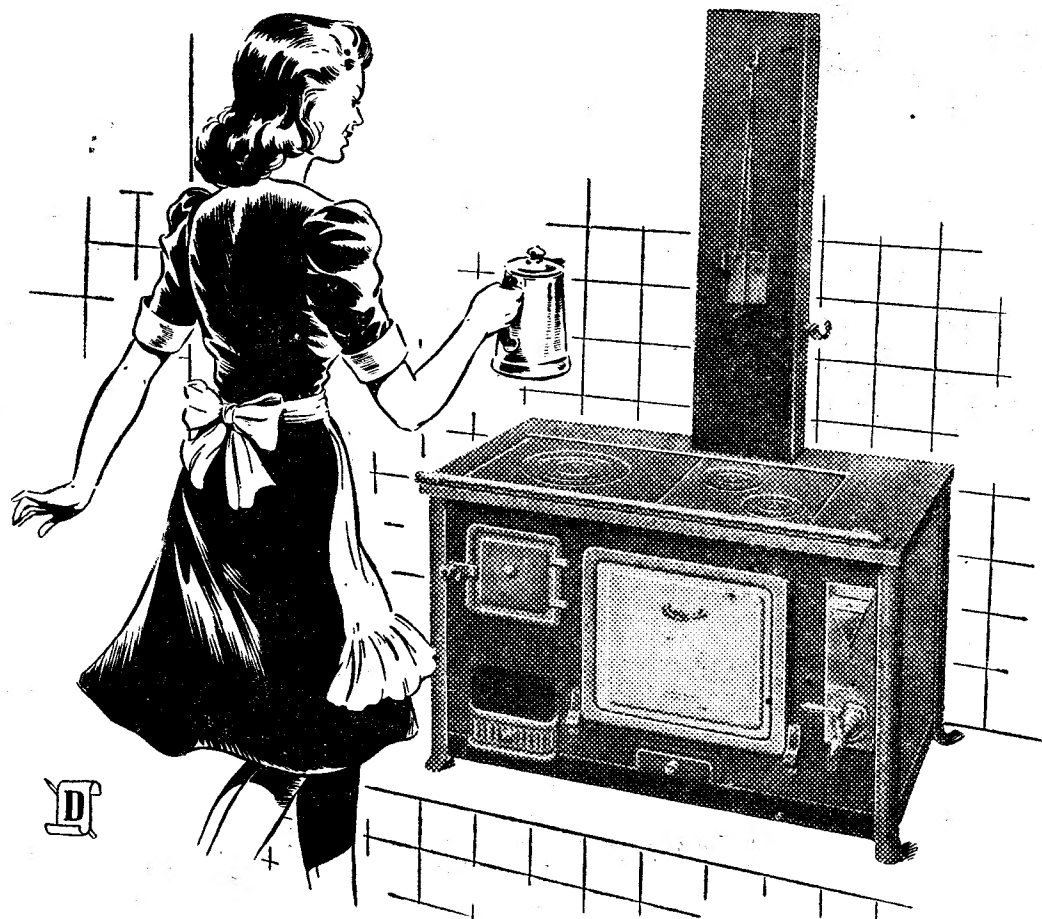
Alcantara-Lisboa

Telefone 8 1669



ECONOMIA • RESISTÊNCIA • SOLIDEZ

SÃO AS PRINCIPAIS
CARACTERÍSTICAS
DOS NOSSOS



Fogões para carvão e lenha

FÁBRICA PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 49-57 - TEL. 24948

H. VALTIER & C.^A

MAQUINAS
E ACESSÓRIOS
PARA A
INDÚSTRIA

CASA FUNDADA EM 1857

Montepio Geral

Associação de Socorros Mútuos
fundada em 1840

Grã-Cruz da Ordem de Benemerencia

SEDE EM LISBOA

Rua Aurea, 219 a 241

FILIAL NO PORTO

Avenida dos Aliados, 90

FUNDOS PERMANENTES

180.340 contos

Efectua as seguintes operações:

EMPRESTIMOS HIPOTECARIOS

EMPRESTIMOS SOBRE TITULOS

DE CRÉDITO

EMPRESTIMOS SOBRE METAIS

E PEDRAS PRECIOSAS

ALUGUER DE COFRES FORTES

GUARDA DE VALORES NAS SUAS

CASAS FORTES

COMPRA DE COUPONS

COBRANÇA DE DOCUMENTOS

NÃO COMERCIAIS, ENTRE

LISBOA e PORTO

ACEITA DEPOSITOS NA SUA

CAIXA ECONOMICA

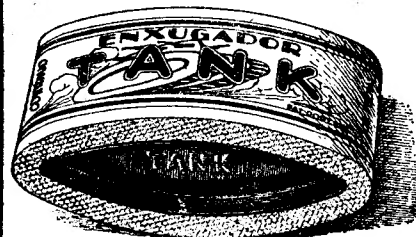
TANK

O ENXUGADOR IDEAL
PARA ESCRITA

Prático, elegante e sobretudo

ECONÓMICO

EXIJA NO SEU FORNECEDOR



Aos noivos

Quere V. Ex.^a um magnífico lan-
che para o seu casamento?

Veja os «menús» da BIJOU DO
CALHARIZ, que os fornece a pre-
ços cómodos.

2, L. DO CALHARIZ, 3

Tel. 2 3167

Pratas d'arte

A. L. DE SOUSA, L.^{DA}

Fornecedores da Casa Real
de Espanha

16—RUA DA MISERICORDIA—18

(Antiga Rua do Mundo)

—LISBOA—

—Telefone 2 2662—

A. Lemos, L.^{da}

Alfaiates - Mercadores

113—R. AUGUSTA—115

Telefone 2 6956

—LISBOA—

Há cinquenta anos

O golpe de Chaimite



MOUSINHO

Era alto, seco, moreno, naturalmente desempenado, oficial de cavalaria, mesmo a pé e a paisana. Aos 21 anos acabara o curso de cavalaria na Escola do Exército, e três anos depois frequentava em Coimbra as faculdades de filosofia e de matemática. Nunca foi o que se possa chamar um grande estudante. Em cadete prestara seu culto à boémia aprumada do tempo, deambulando com companheiros nas noites românticas de Lisboa e do Dafundo.

Em Coimbra, 1879, casou com sua prima, algarvia dos Mascarenhas Gaivão, senhora ilustre que foi, a par da devoção pelas armas, o grande amor da sua vida. Dos 27 aos 29 anos, já depois de haver abandonado Coimbra, esteve inactivo, por doença grave.

Começou então a tornar-se concentrado, mas voluntarioso, sensível como uma flor, ora violento, ora afectuoso, com um desmedido orgulho e fidalgo culto da honra. A sua árvore genealógica partia do rei D. Denis, seguindo pelos Afonso Sanches, senhores de Albuquerque; seus ascendentes haviam sido donatários, guerreiros, capitães mores, desembargadores, letrados. Ele — era um idealista, mas não um sonhador. Conjugava o verbo «querer» em todos os tempos. A sua inteligência era claríssima, como era limpa e generosa a sua dignidade.

Dos 31 aos 33 anos esteve na Índia, onde foi secretário do governo do Estado. Aos 35, promovido a capitão, era governador do distrito de Lourenço Marques. Em verdade — Mousinho era quasi um desconhecido. Regressou a Lisboa em 1890, tinha 37 anos. Passou por cavalaria 8, por cavalaria 4, e à roda dos 40 anos comandava lanceiros 1, em Elvas, e com seu regimento embarcou para Moçambique. A frente de um esquadrão enchia uma rua. Em Lourenço Marques o seu apuro, a cavalo, despertava atenções, as únicas que provocara no vulgo. Andou emquadrado na coluna do Norte, do comando do coronel Galhardo. Esteve em Coollela, impávido, a cavalo, enquanto o cavalo não caiu morto.

As manhas do grande regulo vatua Gungunhana, eram já suas conhecidas. Estava no segredo da campanha. Começava a desenhar-se no conceito oficial e publico — a figura de um «homem». Ele sabia que enquanto Gungunhana existisse não haveria pacificação. Em 10 de dezembro de 1895, era nomeado governador do distrito militar de Gaza. E toma então vulto a sua decisão obstinada: acabar de uma vez com o regulo vatua.

Faz precisamente cinquenta anos, entre o Natal e o Ano Novo de 1895: o golpe de Chaimite... Mais decisivo do que uma batalha campal ou do que um combate em quadrado. Era um ponto de interrogação. Cinquenta portugueses que se iam arriscar a ser trucidados. O Gungunhana esperava, com milhares de guerreiros...

Nomeado a 10 de dezembro de 1895 governador militar de Gaza, Mousinho

A prisão de Gungunhana e o fim do império vátua

por Norberto de Araujo

partiu a 15, de Lourenço Marques.

O tenente Sanches de Miranda — a quem os negros e os regulos chamavam, em estima, *mahambachleca*, por o suporem filho do respeitado caçador Diocleciano das Neves, que fôra amigo do segundo chefe da dinastia vatua, Muzilla, pai de Gungunhana, e que tinha aquele apodo — estava em Languene, onde o foi encontrar Mousinho, a comandar uma força de 49 homens, com três peças. Era tudo. Cavalos não havia. Já então, e desde 13 de dezembro, o traçoeiro Gungunhana enviava recados por emissários, com presentes, para ir ganhando tempo e estudar a defesa. Ele calculava tudo menos que lhe fossem deitar a mão. Como seria isso possível? Mousinho é que sabia que o terrível chefe vatua estava no seu «kraal» de Chaimite, no meio do mato pouco denso, entre arvoredos espinhosos.

Faz hoje meio século — véspera do Natal de 1895 — que Mousinho ordenou a Sanches de Miranda que arranjasse as cargas de mantimentos, rações para dois dias, e munições. Oficiais só quatro: Mousinho, o tenente Sanches de Miranda, o tenente graduado Costa e Couto, que comandaria os auxiliares, e o dr. Francisco Amaral, alferes médico.

No dia de Natal, de madrugada, em Languene, embarcaram no vapor «Capelo», que iria subir o Limpopo, Sanches de Miranda, o médico Amaral e cinquenta praças europeias dos regimentos mais diversos.

Mousinho iria por terra (partiu a 26) com o tenente Couto, que comandava 207 auxiliares pretos, e 76 carregadores. Deviam encontrar-se todos, os do «Capelo» e os que iam por terra, em Zimacaze, o que, de facto, sucedeu às 16 horas do dia 26. No caminho, Mousinho recebeu mais dois emissários do Gungunhana, que enviava libras e pontas de marfim, e um pedido para que o *mahambachleca* (Sanches de Miranda) conseguisse que Mousinho recebesse o Gungunhana a bordo do «Capelo», para fazer a paz. Mousinho disse «que sim; esperaria o chefe vatua». Não acreditava nada que ele viesse...

Um preto fugido, apareceu nessa noite, a comunicar que o Gungunhana mandara prender o chefe Cuio, que era amigo dos portugueses. Mousinho convenceu-se definitivamente das más intenções da «majestade» vatua, perdeu as hesitações, e resolveu — andar para diante.

Já se haviam juntado à expedição 1.800 negros, sem armas, que queriam, fiados no saque, assistir à prisão do Gungunhana. E prosseguiu a penosa marcha à procura do Gungunhana, entre mato alto, mal comidos e mal dormidos aqueles homens, alguns cheios de febre. No dia 27 outros emissários trouxeram recados e presentes. Gungunhana enviou mesmo o seu filho mais querido, Godide, acompanhado por um chefe, Sucanaca, que disse: «não andem os portugueses mais para diante, porque Gungunhana vem nesta mesma noite». Mousinho mandou dizer que os portugueses não avançavam por estarem mortos de fadiga, e esperavam Gungunhana, mas que se este não aparecesse — fuzilariam o filho, que ficou como refens. Apurou-se pelo próprio Godide que o chefe vatua estava a preparar-se para fugir para o Transvaal, e que a sua corte estava já de levante. Maxazi, um criado de Godide, foi por ordem deste dizer ao Gungunhana — que já então ia a dez quilómetros de Chaimite — que não fugisse, que regressasse ao «kraal». Indeciso, mas à força de lágrimas e súplicas de Sonie, a sua mulher predilecta, mãe de Godide, o grande senhor vatua retrocedeu.

Entretanto, a expedição avançava de noite, mais mortos que vivos os auxiliares e carregadores, aliás habituados àquelas duras regiões. Sanches de Miranda mal podia andar. Uma caminhada para a aventura!

A cidadela de Chaimite era cercada por uma forte paliçada, só com uma abertura, e envolvendo trinta grandes palhotas. Mousinho mandou cercar o reduto por todos os lados, aproveitando os negros para esse efeito. Dentro do «kraal» entrariam apenas os brancos...

Pouco passava das 8 e meia do dia 28, tempo claro. Era o momento. Mousinho ergueu a espada ao sol, forçou a pequena entrada da paliçada e, seguido pelos três únicos oficiais portugueses e pelo interprete — irrompeu como um furacão, sem dar tempo a que a surpresa se acalmasse. Trezentos pretos armados guardavam o «kraal» do último imperador dos vatuas. Mas ao verem Mousinho, como um fantasma terrível, largaram as armas e fugiram. Os soldados brancos, entretanto, davam cabo da paliçada e entravam na «cidade santa» dos vatuas.

— Onde está Gungunhana? — gritou Mousinho a um homem corado, que lhe apareceu pela frente, a medo.

O outro, tranzido, apontou a grande palhota real.

— Gungunhana! Gungunhana! — bradava o chefe português, sem temer uma traição, e seguido apenas por quatro homens.

E o vatua acabou por aparecer, de entrada arrogante e desdenhoso. As suas primeiras palavras foram de odio. Mas mal teve tempo para desafiar Mousinho. Estava repelente. «Prenham-lhe as mãos atrás das costas!» — ordenou Mousinho. E sem mais intimou o negro a que se sentasse. «Onde?» — interrogou o grande vatua vencido.

— Ali... — e apontou o chão.

— No chão, não, que está sujo — replicou ainda ironico.

O maior atentado à dignidade real é sentar-se o regulo no chão. Mousinho sabia-o, e impôs essa humilhação:

— Tu já não és o regulo dos manguis ou o senhor dos vatuas. És um vulgar *malonga*, como outro qualquer!

E então foi o delírio entre os da pretalhada, que, empoleirados nas arvoredos como macacos, viram o grande Gungunhana, neto do 1.º imperador Manicusse, submetido à última miséria. Ele já não era *gente grande*. Caiu o trono do mais poderoso negro que um dia invadira as terras de Gaza.

O manhoso vencido — estava agora moralmente aniquilado. Mousinho reclamou os chefes traidores e ministros inimigos dos portugueses. Só estavam Queto e Manhune, porque Molungo e o famoso Maguiguana, tinham fugido antes. Manhune, que tão maus conselhos dera ao seu rei, declarou saber que ia morrer, e pediu que o desamarçassem para poder *cair logo* que recebesse os tiros. E morreu heroicamente, como um zulo antigo! Queto, tio de Gungunhana, teve igual sorte, embora com menos dignidade.

Nisto, surgiu a mãe de Gungunhana, arrastada, de joelhos, a suplicar o perdão para o filho e para o neto Godide. Mousinho enterneceu-se; levantou a velha vatua por suas próprias mãos e disse a Impicazamo — que assim se chamava a mulher:

— Sobre o Gungunhana só o rei de Portugal pode decidir. Quanto a teu neto não lhe faço mal, e levo-o, a teu pedido, para acompanhar o pai. E tu, Impicazamo, que sempre foste amigo dos portugueses, vai em paz para tua casa, porque ninguém te fará mal.

Mousinho, que se vira obrigado a ser cruel, para impôr autoridade, recolheu vatua.



GUNGUNHANA

Gungunhana, o último chefe do império vatua, cuja idade ao certo se não conhece, era, por 1890-1895 um homem de estatura média, atarracado, obeso, sujo de aparência, olhos piscos e feições grosseiras. Podia dar-se-lhe cinquenta anos, queimados pelo alcool e por todos os abusos. Seu nome era Mudungaz, e tomou o apodo de Gungunhana, de umas furnas assim chamadas onde se massacravam os vencidos e os condenados à morte. Cultivava o terror. Como político era manhoso, desleal, traçoeiro e vaidoso.

Seu avô fôra o grande e cruelíssimo Manicusse, fundador da dinastia vatua, que invadira e dominara as terras portuguesas de Gaza. Cerca de 1810 a 1859, ano em que morreu, em Chaimite, Manicusse cometeu crimes sem nome, contra outros regulos e contra portugueses, que azagaiou e trucidou chegando a assaltar Lourenço Marques. Ao fundador do império vatua sucedeu seu filho Muzilla, a quem os portugueses auxiliaram, contra seu irmão Maueva, que tinha mais direitos, por ser filho de «mulher grande», e o outro não. Muzilla submeteu-se lealmente aos portugueses. Em 1884 já não existia. Passou a reinar seu filho Gungunhana, que herdou do avô, perante cujo tumulto se prostrava, todas as características de despota, ladrão e exterminador. Era, porém, dissimulado com os portugueses, fazendo jogo duplo com os emissários da rainha Vitória de Inglaterra e com alemães. Em 1885, mandou prestar, em Lisboa, vassalagem a Portugal.

Gungunhana ficava com os seus direitos reconhecidos nas terras de Gaza, desde que cumprisse lealmente a vassalagem. Fôra feito coronel português de 2.ª linha. Não o merecia. Mandara matar um seu irmão Mafemane, pelas azagaias de um zulu. Fez envenenar seu filho Manua, porque este, educado na Escola de Artes e Ofícios de Lourenço Marques, adquirira hábitos dos portugueses.

O seu exército regular andava por 60.000 homens; dispunha de enormes bens, em armas, ouro, gados, marfim e mulheres. Aceitou ser instrumento de Cecil Rhodes, Gungunhana, por 1890, conspirava contra Portugal, e protegia, manhosamente, todas as revoltas. Não entregava os regulos em rebelião. Tergiversava. Ora ameaçava, ora se submetia. António Enes, comissário régio, enviou-lhe um ultimato. Mais evasivas. Foi a guerra: 1895. Marracuene, a 2 de fevereiro, Magul, a 7 de setembro. Coollela, a 7 de novembro. Gungunhana, vencido, recuou; escondia-se, prometia. E só havia uma solução, aquela que um homem sózinho congeninou: deitar a mão ao regulo vatua.

todo o importante arsenal do vencido, os gados, ouro e outros despojos materiais — e partiu com a sua expedição extenuada. Iam prisioneiros o Gungunhana, seu filho, dois tios e sete mudos portugueses, vai em paz para tua casa, porque ninguém te fará mal.